



JORNAL do ALGARVE

FUNDADOR: JOSÉ BARÃO DIRECTOR: ANTÓNIO BARÃO
ANO 15.º SÁBADO, 19 DE FEVEREIRO DE 1972 AVENÇA N.º 778

A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TODOS OS JORNAIS DO ALGARVE

EDITOR — JOSÉ MANUEL PEREIRA PROPRIEDADE — V.º e HERD.º DE JOSÉ BARÃO OFICINAS: EMP. LITOGRAFICA DO SUL, S. A. R. L. — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO BRASIL, 48 — VILA REAL DE SANTO ANTONIO — TELEF. 254 LISBOA — TELEF. 361839 FARO — TELEF. 22322 AVULSO 2500

A UNIVERSIDADE NO ALGARVE

CONTRA O INFORTÚNIO DA CULTURA E DA CIÊNCIA EM PORTUGAL

QUANDO há uns anos afirmámos neste jornal, pela primeira vez a necessidade de uma Universidade no extremo sul do País como a hipótese mais aceitável para o seu desenvolvimento e como o impulso mais urgente de que a cultura e a ciência portuguesa carecem, estávamos conscientes de que muitos algarvios responsáveis não se interessavam suficientemente pelo que o Algarve deveria já representar dentro do País.

A defesa da Universidade passou assim a confundir-se com um movimento «regionalista» dominado pela administração, combatido pelos tecnocratas e escamoteado pelos burocratas. Mas o certo é que a defesa da Universidade no Algarve foi talvez o primeiro grande gesto não-regionalista: os cientistas que subscreveram a ideia e os intelectuais que nos deram a palavra de apoio, todos nós tivemos em vista apenas a solução da problemática universitária em Portu-

★ A criação da Universidade no Algarve não se reveste de qualquer sentimentalismo e só pode ser entendida como questão de todo o País

★ Uma Universidade aqui seria virada para a investigação científica e para a universalização da cultura portuguesa e não mera escola de homenagem ao passado

por Carlos Albino Guerreiro

gal, que é uma problemática de cultura e de investigação.

As palavras do ministro da Educação, ao anunciar o alargamento do ensino superior a «regiões do País que não são tradicionalmente universitárias (...) eliminando situações ambíguas que se vêm arrastando ao longo dos tempos, precisamente porque eram ambíguas, desencadearam movimentos de facto regionalistas: cada canto queria a sua Universidade. Quer

dizer que se o Ministério pudesse ser alguma vez arrastado por regionalismos, as novas Universidades seriam mais uma expressão de influências políticas, de concentrações demográficas ou de forças económicas.

Mas porque nos pareceu que o Ministério estava mais empenhado numa reforma de política universitária do que numa reforma interna da Universidade portuguesa, nós insistimos.

Insistimos numa política educativa, numa política de cultura e de investigação científica que em nada tenha a ver com o longo processo universitário português, mais propício à letargia do que ao dinamismo interno.

Insistimos na esperança (uma esperança não condescendente, diga-se) de que a Universidade no Algarve fosse um acto político inovador, que daria continuidade ao acto político reformista de 1911 e que instalada nesta faixa secularmente educada no contacto internacional não fosse «algarvia» mas expressão de um povo que no futuro não se compadeceria com macrocefalias e jogos políticos primários.

Portanto a ideia da Universidade no Algarve não parte de um qualquer sentimentalismo: é o seu autor que o afirma. E mais: todas as sugestões anteriores inscritas numa linha, como seja a da criação de um Centro de Estudos Humanísticos (dr. Garcia Domingues) e todas as defesas posteriores da ideia, nenhuma delas teve na base o recurso a qualquer prestígio de cidade algarvia ou a qualquer qua-

lidade biológica dos algarvios, mas sempre a defesa da ciência e da cultura portuguesa.

Apenas os que combateram a ideia da Universidade é que foram movidos por valores à escala regional e portanto o Algarve, com ou sem Universidade, não fez barulho em vão através da sua imprensa: fez-lo pelo País que precisa de uma Universidade que internacionalize a sua cultura e que em determinados sectores da investigação científica, concretamente, no domínio da Biologia e da Física das Altas Esferas torne possível a sua missão investigadora.

E nunca defendemos uma Universidade no Algarve com carácter messiânico, exclusivista: afirmámos apenas que seria pela sua criação ou de outras universidades noutros lados consoante a aptidão geográfica e o sentido político, que se aclararia a intenção da reforma do ensino superior: se ela visará meramente a formação de quadros docentes, se a formação de intelectuais e técnicos, se a formação de massas. E se para além disso a

(Conclui na 6.ª página)



filtrações Carlos Albino

TEATRO PARA O POVO

Um teatro de cérebros: erguido para a mentalidade, com ira e com amor. Um teatro reflexo do panorama social algarvio e simultaneamente meio de o transformar. Um teatro mantido com os dinheiros do turismo. Um Teatro Experimental, uma companhia de profissionais, um programa que abarçasse indiscriminadamente todo o Algarve: Monchique tal como Faro, Almansil tal como Tavira, Lagos tal como Vila Real de Santo António.

É perfeitamente possível uma companhia de Teatro Experimental manter-se em actividade durante todo o ano, desde que os dinheiros do turismo e um subsídio da Fundação Gulbenkian se canalizem para um programa de intensificação cultural do povo no Algarve. Perfeitamente possível. Mais: seria preferível até, que o próprio turismo fizesse esse investimento na cultura, ainda que não o quisesse fazer na formação humana, em vez de se iludir com programações pseudo-culturais, que na maioria dos casos só contribuem para aumentar esta tristeza colectiva por maior que seja a alegria do somatório dos indivíduos.

Defendemos, então, a criação de uma Companhia de Teatro Experimental do Algarve, que rotativamente e por contrato percorra os principais lugares do Algarve.

Lutamos por um teatro a sério. Para o povo. E não mais uma caixinha de surpresas para o turista. O povo é que precisa de cultura: a sangria é de mais. As suas manifestações pelo teatro são convincentes: de Vila Real de Santo António, de Loulé, de Portimão, de Olhão — todo o Algarve quer teatro a sério, feito aqui. Isso é possível. Possível.



O cerro de S. Miguel, um dos mais belos miradouros do Algarve

O APROVEITAMENTO DO CERRO DE S. MIGUEL REVESTE-SE DE GRANDE IMPORTÂNCIA PARA O TURISMO ALGARVIO

O CERRO de S. Miguel, «o melhor miradouro do Sul do País», como há anos o designámos em artigo publicado na imprensa regionalista é, sem dúvida, elemento da maior importância para o turismo algarvio. Dele desfruta-se panorama vastíssimo e encantador,

dada a posição ideal em que está situado. A valorizá-lo dispõe hoje de uma estrada que nos conduz ao seu ponto mais alto, a qual uma vez melhorada, há-de contribuir grandemente para a finalidade turística que se pretende. Manda a justiça que se diga que

pelo dr. J. Fernandes Mascarenhas a Câmara Municipal de Olhão não se tem poupado a esforços para conseguir tão importante melhoramento, olhando com vistas largas o futuro do concelho, para o que tem contado com a boa colaboração da Junta de Freguesia de Moncarapacho e de grande número dos proprietários das fazendas que a estrada atravessa, aproveitando em parte, o trabalho de um dos entusiastas da ideia da construção da estrada, que foi quem praticamente iniciou a obra, tornando-se assim seu pioneiro. O cerro de S. Miguel ou Monte Figo está situado na zona central

(Conclui na 3.ª página)

NOTA da redacção

ASSIM VAI VILAMOURA
ASSIM VAI O ALGARVE...

A CONTECEU pela primeira vez que um projecto urbanístico para o Algarve é objecto dum concurso de âmbito internacional entre arquitectos. Trata-se da zona envolvente de Vilamoura, o porto de recreio onde vão gastar-se muitos milhares de contos e que será uma das mais arrojadas iniciativas de ordem turística projectadas na nossa Província.

Rodeou-se este concurso da maior publicidade, com júri internacional especialmente reunido em Lisboa e prémios de mil e duzentos contos para os projectos concorrentes. Entretanto, anunciou-se que foi um arquitecto português quem obteve o primeiro lugar e que o público terá oportunidade de ajuizar do interesse, do nível e da projecção da iniciativa quando forem expostos os trabalhos concorrentes. Entretanto prosseguem as obras de Vilamoura, onde dentro em pouco poderão aportar belos iates portugueses e estrangeiros dando à região a nota de cosmopolitismo conveniente...

Por acaso publicámos neste jornal algumas palavras pronunciadas muito recentemente pelo dr. João Salgueiro, ao tomar posse

do cargo de presidente da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica. Chama ele a atenção para vários problemas de grande importância no plano social-económico e a certa altura afirma: «O investimento nunca é em si mesmo condição suficiente de progresso — se não acompanhado de transformações técnicas, estruturais e mentais convergentes — e muitas vezes nem sequer aparece como condição necessária».

Assim pensa o dr. João Salgueiro, um dos tecnocratas mais jovens que foram chamados para o Governo e que hoje ocupa um lugar da maior importância neste País.

Não sabemos porque as suas palavras nos surgiram ao espírito quando comentávamos o arrojado projecto de Vilamoura, aqui em pleno centro do Algarve, a dois passos da zona piscatória de Quarteira e da pobre região serrana que continua a aguardar o seu dia de progresso, com águas, luz, estradas e educação...

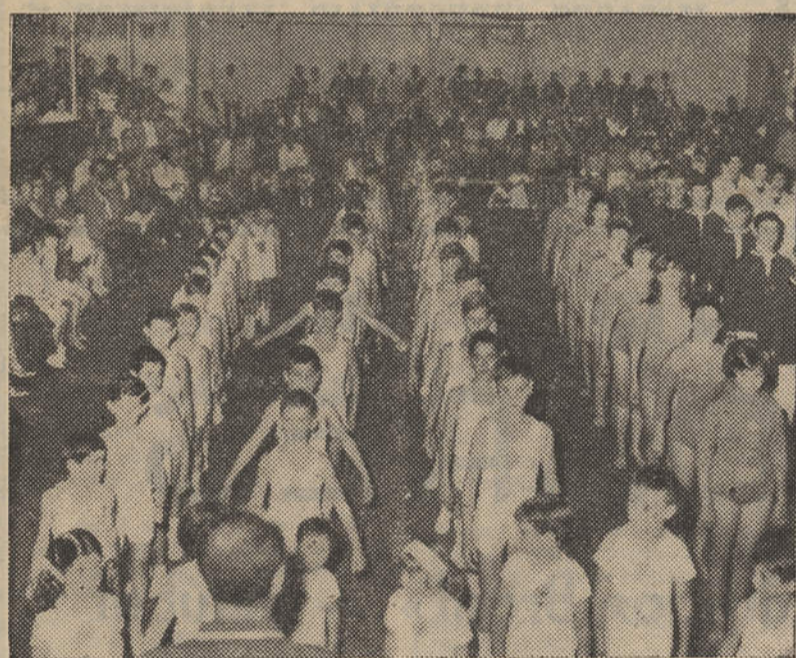


Imagem colhida num dos memoráveis saraus de ginástica do Clube Náutico do Guadiana

A PRÓXIMA CONSTRUÇÃO DE UM PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO E A REALIZAÇÃO DE OUTRAS IMPORTANTES OBRAS NA MESMA VILA NA SEQUÊNCIA DA RECENTE VISITA AO ALGARVE DO MINISTRO DAS OBRAS PÚBLICAS

É DE 953 contos e não de 1177, como por lapso alguns jornais e a Rádio referiram a verba atribuída pelo eng.º Rui Sanches, ministro das Obras Públicas, para o pavilhão gimnodesportivo a construir brevemente em Vila Real de Santo António, construção para a qual se aguarda que a Direcção Geral dos Desportos faça entrega do projecto desde há tempos em seu poder. Tal verba corresponde a 50 por cento do custo da importante obra, ficando os restantes 50 por cento, em que se inclui um subsídio do Fundo de Fomento Desportivo, a cargo do Município vila-realense, que chamou a si a execução do valioso melhoramento.

Desnecessário será referir o que tem sido, desde há mais de dez anos, a luta do Clube Náutico do Guadiana para conseguir um recinto em condições para a prática da educação física pelos seus atletas e por aquele sector da população da Vila Pombalina a quem não é indiferente o significado da frase «mente sã em corpo sã». Também não será necessário apontar o que vem sendo, em especial em cada Inverno, a batalha do Náutico para sobreviver e manter alguma actividade num ginásio de chão mosai-

cado, frígido e cujo tecto, de vez em quando, capricha em transformar-se num amplíssimo chuveiro sob o qual de modo nenhum apetece estar.

Cremos, porém, que se avizinha o afastamento do «mau tempo», para justa alegria não só daqueles



ATENÇÃO À IRLANDA

A IRLANDA tem causado excepcionais perturbações à política inglesa e torna-se evidente que uma solução da crise é hoje mais do que nunca necessária.

A grande confrontação deu-se recentemente em Londonderry, na Irlanda do Norte, onde morreram treze jovens durante uma manifestação. Dias amargos se seguiram.

(Conclui na 5.ª página)

que em Vila Real de Santo António hoje sentem os efeitos benéficos da ginástica, como dos que, longe da sua terra, sabem o muito que ao Náutico devem do seu apetrechamento físico, e ainda de toda a população da vila, que, com muita simpatia e carinho, vem acompanhando ao longo dos anos o grande problema do seu magnífico clube e pasmando com os êxitos que este, mau grado todas as enormes dificuldades, tem conseguido obter, a nível nacional, no campo da ginástica desportiva.

E este um dos aspectos positivos da recente visita do ministro Rui Sanches a Vila Real de Santo António, cujos efeitos, porém, estão já a fazer-se sentir noutros sectores também da maior importância para a vila raiana. Segundo lemos no noticiário respeitante a essa visita, fora pedida ao ministro, na sessão pública realizada nos Paços do Concelho vila-realense, a comparticipação do seu Ministério para algumas obras que se afiguravam

(Conclui na 6.ª página)

VISADO PELA DELEGAÇÃO DE CENSURA

Vendedores

Para tractores e máquinas agrícolas de grande reputação e bem conhecidas no Algarve.

Oferece-se boas condições de trabalho e remuneração compatível.

Dá-se preferência a quem estiver integrado no ramo, guardando-se sigilo se estiver empregado.

Resposta ao n.º 15079, deste jornal.

CRÓNICA DE FARO

por JOÃO LEAL



Escolas nas ilhas

É UM dos «calcanhares de Aquiles» do ensino neste concelho o caso dos edifícios escolares existentes nas ilhas do Anção (praia de Faro) e da Culatra (ilha do Farol). O primeiro foi recentemente fechado para obras inadiáveis, pois que chovia, como sói dizer-se, tal como na rua. E estas infiltrações, além de comprometerem toda a actividade normal e contínua, transformaram-se por certo em perigo para a integridade física de alunos e professores. Uma obra que de há muito vinha sendo necessário efectivar e que só uma situação de emergência determinou.

Numa das mais famosas estâncias turísticas da Província, dotada de um modelar parque de campismo, de casas para nadadores-salvadores, de infra-estruturas de água e electricidade, etc. o actual edifício escolar é uma nota negativa à acção, digna de todo o apreço, do Município em prol da praia de Faro. Quantos lá vivem todo o ano, porque a vida a isso os obriga e a seus filhos, aquela catraçada tísida pelo sol e besuntada do sal das águas, merecem, têm o direito e esperam que um edifício escolar próprio e capaz seja erguido naquela terra de Faro entre a ria e o oceano.

De extrema acuidade é também o caso da Culatra, enteada dos interesses da administração farense, hemos de confessá-lo. Muitos até julgam que o aglomerado pertence ao concelho de Olhão, quando se integra (não se discute agora se



Porque não uma unificação de esforços?

SIMOS hoje um pouco do âmbito da Vila Cubista para escrever sob um título que importa a toda a Província. Decorreu, com alegria e frenesi, o Carnaval de 1972, que no Algarve teve como pontos altos os cursos ou batalhas de flores de Moncarapacho, Loulé e Vila Real de Santo António. Tradição que se mantém e constitui um dos motivos grandes do turismo interno, fazendo afluir milhares de pessoas. Muitas já vinham antes do Algarve turístico, outras aproveitam para conhecer o Algarve novo.

Estranhámos porém que, dado o facto de aquelas batalhas carnavalescas, mais do que as terras onde decorrem, importarem a toda a «terra morena», haja uma dispersão de esforços e um esbanjar de verbas, sem proveito para ninguém. Concretizando: porque não uma propaganda conjunta e única do Carnaval algarvio, orientada e provocando impacto, em vez de cartazes anunciando os festejos de Moncarapacho, Loulé e Vila Real de Santo António, cada qual epuzando a brasa à sua sardinha?

Admirámos muito o bairrismo e se ele não existisse, de há muito que no Algarve o Carnaval teria morrido. Graças à boa vontade, ao querer, ao bairrismo afinal de louletanos, vila-realenses e moncarapachenses, os cursos ainda subsistem. Mas esta divisão de esforços é contraproducente. Somos por uma propaganda conjunta, que vá mesmo além-fronteiras e que pela unidade de verbas e de esforços, pode produzir mais vistosos frutos.

Maria Armada

AGENDA

Ecos

Fin de curso

Pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa diplomou-se em Direito Internacional Comparado pela Faculdade Internacional de Direito Comparado com sede em Strasburgo, França, o sr. dr. José Neves de Jesus, natural da Condição de Teatra. Filho da sr.ª D. Teresa Custódia de Jesus e do sr. José Domingues Lourenço Neves, residentes na Corte António Martins da freguesia de Cacia, concelho de Vila Real de Santo António.

Partidas e chegadas

Esteve em Lisboa participando num curso superior de «marketing», o sr. Celestino Matos Domingues, delegado dos Transportes Aéreos Portugueses em Faro e dirigente da Comissão Regional de Turismo.

Farmácias

DE SERVIÇO

Em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Piedade; e até sexta-feira, a Farmácia Alves de Sousa.

Em FARO, hoje, a Farmácia Montepio; amanhã, Higienas; segunda-feira, Graça Mira; terça, Pereira Gago; quarta, Pontes Sequeira; quinta, Baptista e sexta-feira, Oliveira Bomba.

Em LAGOS, a Farmácia Silva. Em LOULE, hoje, a Farmácia Confiança; amanhã, Pinheiro; segunda-feira, Pinto; terça, Avenida; quarta, Madeira; quinta, Confiança e sexta-feira, Pinheiro.

Em OLHÃO, hoje, a Farmácia Pacheco; amanhã, Progresso; segunda-feira, Olhanense; terça, Ferro; quarta, Rocha; quinta, Pacheco e sexta-feira, Progresso.

Em PORTIMÃO, hoje, a Farmácia Central; amanhã, Oliveira Furtado; segunda-feira, Moderna; terça, Carvalho; quarta, Rosa Nunes; quinta, Dias e sexta-feira, Central.

Em S. BRÁS DE ALPORTEL, hoje, a Farmácia Dias Neves; amanhã, Pereira; segunda-feira, Montepio; terça, Dias Neves; quarta, Pereira; quinta, Montepio e sexta-feira, Dias Neves.

Em SILVES, hoje, a Farmácia Ventura; e até sexta-feira, a Farmácia Duarte.

Em TAVIRA, hoje, a Farmácia Central; amanhã, Franco; segunda-feira, Sousa; terça, Montepio; quarta, Abaim; quinta, Central e sexta-feira, Franco.

Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, a Farmácia Carrilho.

Cinemas

Em ALBUFEIRA, no Cine-Pax, hoje, «Heróis desconhecidos»; amanhã, «Manobras de amor»; terça-feira, «O ninho das víboras»; quarta-feira, «Perseguidas na escuridão»; quinta-feira, «A minha profissão é matar»; sexta-feira, «Golpe de mestre ao serviço de Sua Magestade britânica».

Em ALMANSIL, no Cinema Miranda, hoje, «Brigada do diabo» e «1000 bombardeiros»; amanhã, «Os cavalos também se abatem»; quarta-feira, «Deus perdoo, eu não».

Em FARO, no Cinema Santo António, hoje, em matinée e tarde, «Os bons e os maus»; amanhã, em matinée e tarde, «Dulcinea»; terça-feira, «Comissário Santo António»; quarta-feira, «Uma noite na praia»; quinta-feira, «A morte não tem sexo»; sexta-feira, «Um trem para Durango» e «Os maus também amam».

Em LOULÉ, no Cine-Teatro Louletano, hoje, «A força do gatinho» e «O fidalgo aventureiro»; amanhã, «Um anjo

dos diabos»; terça-feira, «O vale dos fugitivos»; quinta-feira, «A rapariga das violetas».

Em OLHÃO, no Cinema-Teatro, hoje, em matinée, «Um elefante chamado Pole-Pole» e em soirée, «Vinte passos para a morte» e «Missão inquietante»; amanhã, em matinée e soirée, «O ardeiro de fogo» e «Cheque-mates».

Em SILVES, no Cine-Teatro Silvense, hoje, «Charros, amanhã, em matinée e soirée, «Elles com elas»; terça-feira, «O dossier Anderson»; quinta-feira, «Diz-me que me amas Julie Moon».

na, D. Maria José e D. Augusta Felismina Oliva Horta; irmã da sr.ª D. Alina de Sousa Oliva Horta; e cunhada dos srs. José do Carmo e Horácio Monteiro Horta.

José Gonçalves Sintra Júnior

Em Armação de Pêra, de onde era natural, faleceu o sr. José Gonçalves Sintra Júnior, de 90 anos, viúvo. Era pai das sr.ªs D. Maria Sintra Freire, D. Emilia Sintra Magalhães e D. Rosa Sintra Barreto, já falecidas, e dos nossos assinantes srs. José da Silva Sintra e Francisco Gonçalves Sintra; e sogro das sr.ªs D. Maria Correia Sintra, D. Luísa Augusta Sintra e do sr. José Freire.

As famílias enlutadas apresenta o Jornal do Algarve, sentidas péssimas

Necrologia

D. Laura de Sousa Oliva

Faleceu em Faro, realizando-se o funeral para Vila Real de Santo António, de onde era natural, a sr.ª D. Laura de Sousa Oliva, de 59 anos, viúva. Era mãe das sr.ªs D. Rosa Maria e D. Maria Emilia Oliva Horta e do sr. Humberto Oliva Horta; sogra do sr. Rafael Aurélio Vasques; tia das sr.ªs D. Maria Augusta e D. Isabel Felismina de Sousa Oliva Carmo, D. Maria Santa-

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO

AGRADECIMENTO

JOSÉ GRACILIANO VIEIRA CARMO

Sua esposa e família na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada, ou de qualquer forma manifestaram o seu pesar.

Ofereça este ano prendas CARAVELA

Porcelanas — Cristais

— Artesanato



Vila Real de Santo António

Lotas

De 4 a 9 de Fevereiro

LAGOS

TRAIENEIRAS:	
Sr.ª da Encarnação	20 130\$00
Brisamar	16 835\$00
Baía de Lagos	16 200\$00
Total	52 635\$00

ALADORES PURETIC

De 2 a 10 de Fevereiro

PORTIMÃO

TRAIENEIRAS:	
Vulcânia	190 500\$00
Sol	65 800\$00
Praia Morena	53 500\$00
Marinhaira	52 500\$00
Briosa	48 400\$00
Sónia Clementina	48 100\$00
Senhora do Cais	19 900\$00
Normandia	17 600\$00
Nova Palmeta	15 300\$00
Cinco Marias	12 750\$00
Sete Estrelas	5 800\$00
Brisamar	5 700\$00
Ponta do Lador	4 800\$00
Baía de Lagos	3 640\$00
Total	539 790\$00

BELLATRIX ESPECIAL

Alimentação Transistorizada

LIVROS

«AVENTURA», de Jack London

Em luta contra um ambiente hostil: os canibais, o sol tropical, os furacões, as doenças, entregues a si mesmo, David Sheldon sente esvaír-se-lhe a coragem e a esperança de sobreviver. O sócio morre. Os contratados são dizimados pela desintéria, e os sobreviventes espreitam o menor sinal de fraqueza do patrão para lhe cortar a cabeça. Aí que um dia trazida pela tempestade, protegida pelos seus valentes marinheiros, surgiu Joan De chapéu de abas largas, revólver à cinta, e respectiva cartucheira, uma centelha de decisão no olhar, esta rapariga — sem família, sem barco, desconhecida nas ilhas Salomão — imiscui-se em toda a vida da ilha. Dá lições de senso administrativo e arrojado.

Neste romance, da Livraria Civilização Editora, Jack London vai desdobrando novos aspectos, novos atractivos, desses paragens, sempre no seu estilo viril, despojado, a que não falta também uma certa dose de poesia.

DR. DIAMANTINO B. BALTAZAR

Médico Especialista

Doenças e Cirurgia

dos Rins e Vias Urinárias

Consultas às segundas, quartas e sextas-feiras a partir das 15 horas

Consultório

R. Baptista Lopes, 30-A, 1.º Esq.

FARO

Telefones { Consultório 23013

Residência 24761

MOTORES INDUSTRIAIS, MARÍTIMOS E GRUPOS DE REGA FARYMANN

EQUIPAMENTOS DE LABORATÓRIO, LDA.

ACERTAM-SE AGENTES NOS CONCELHOS LIVRES

VENDA DE ANDARES

«Edifícios Brasil» — Setúbal

Com 2-3 e 4 casas alcatifadas, casa de banho e lavabo, despensa, cozinha com armários e bancadas em fórmica, lava-loiças em aço inoxidável com duas cuvas, telefone de comunicação com a portaria, dois ascensores rápidos, etc. Utilização exclusiva de madeiras exóticas rigorosamente seleccionadas.

De 190 a 360 Contos

VENHA VER OS NOSSOS ANDARES - TRAGA A SUA FAMÍLIA - DEPOIS CONVERSAMOS

Situação: Av. de Goa Lote 25-Rua de Damão, Lotes 27-28 e 31

Informações e Vendas - Av. Defensores de Chaves, 31, 4.º Telef. 40687/532057 - Lisboa

Av. de Goa 30, Telef. 23168 - Setúbal

MOSTRAM-SE TAMBÉM AOS DOMINGOS

NOTA - Quase concluído um edifício de 6 pisos.

Em plena construção 3 edifícios de 8 pisos.

Iniciada a construção de 3 grandes blocos de 13 pisos.

Total de 145 fogos.

Programa de construção imediata de mais 500 fogos.

FLOR DE LIS-ORG. OF. CNE

Rua da Fé, 53-2.º LISBOA-2

O que será o miniescuto?

Gosta de Viajar?

Gostava de ter uma casa sua?

Tem problemas de dinheiro?

Pois bem, resolva tudo isso recortando esta nossa oferta e enviando-nos acompanhada de vinte escudos e um envelope tipo comercial endossado a si mesmo. No prazo de oito dias terá uma resposta agradável.

Nome _____

Morada _____

COMUNICADO A SAPEC

consciente da sua função de apoio à Lavoura, tem o grato prazer de comunicar a todos os Srs. Orizicultores que aumentou a sua vasta gama de produtos com o lançamento no mercado de

MOLIZERBA

um herbicida, em grânulos, com 7,5% p/p de Molinato, que evita o nascimento de uma das mais prejudiciais infestantes do arrozal — a MILHÁ.

MOLIZERBA pode, desde já, ser adquirido nos Depositários e Revendedores da SAPEC instalados nas diversas regiões orizícolas do País.

do alto da torre



Parabéns, Sport Lisboa e Fuseta!

POUCAS agremiações pelo Algarve fora se podem ufanar de possuir uma sede própria, como acontece com o Sport Lisboa e Fuseta. Foi uma luta árdua e titânica, que durou anos e anos, desde que se lançaram os primeiros caboucos até há dias, quando todo o imóvel foi pago. Remiu-se assim uma dívida que era um espinho no orçamento da agremiação e um sério embaraço ao desdobrar de qualquer actividade.

Ao cabo de cerca de 12 anos (menos que o tempo previsto) o clube ficou integralmente com um imóvel que é seu e um património valioso. Conhecida a posição do Lisboa e Fuseta nos quadros da terra, como força autêntica que o é e um dos mais firmes valores, compreende-se que, vencida esta batalha, o facto seja motivo para efusivas felicitações.

Merece-o bem a colectividade na pessoa dos seus dedicados dirigentes, plêna de dedicações que, infelizmente, cada vez mais vão rareando.

Queremos saudar quantos ergueram o Sport Lisboa e Fuseta, dando-lhe o melhor do seu entusiasmo e boa vontade, desde os pioneiros até ao actual elenco directivo que sob a presidência do tenente Joaquim da Silva Duarte empreendeu uma obra de estruturação financeira.

Espera-se agora que, voivida esta fase, se efective toda uma obra de promoção desportiva, a bem da gente moça fusetaense.

João Leal

PORTO POÇAS JUNIOR

Um produto da rede distribuidora **PROLAR**
DEPOSITOS-FARO telef. 23669-TAVIRA telef. 264-LAGOS telef. 62287
PORTIMÃO telef. 23685-MESSINES telef. 45306/07/08/09



DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
EST.º TEÓFILO FONTAINHAS NETO COM.º E IND.ª, S.A.R.L.
Telex 08233-Teleg. Teof.-Telef. 45308/09-4 Linhas- Caixa Postal 1 S. B. de MESSINES - Algarve - Portugal

SERVICE OFICIAL DIESEL
BOSCH - CAV - SIMMS
MAQUINAS ELECTRONICAS
PESSOAL ESPECIALIZADO
EXECUÇÃO RAPIDA
Ao seu dispor nas
OFICINAS ARMANDO
DA LUZ
ZONA DO DIQUE - Tel. 2405
PORTIMÃO

O aproveitamento do cerro de S. Miguel reveste-se de grande importância para o turismo algarvio

(Conclusão da 1.ª página)

do Algarve, 411 metros acima do nível do mar e dele parece ter tirado Moncarapacho o seu nome.

Na vertente norte do cerro, existe o barranco de S. Miguel, a parte habitada, cuja população, residindo em casas que tanto têm de pitorescas como de primitivas, totalizava em 1960, 94 habitantes, segundo o X Recenseamento Geral, população que hoje é menor, em virtude do grande surto emigratório para a França e Alemanha, sobretudo.

Uma boa parte do cerro é cultivada e cheia de árvores frutíferas, tais como alfarrobeiras, figueiras, oliveiras e amendoieiras, o que não sucede na vertente sul, virada para o mar, na qual apenas existem uns figueiraes (ou o cerro não fosse designado também por Monte Figo!), alguns pinheiros plantados há muitos anos mas que nunca se desenvolveram, a par de medronheiras, carrasqueiras e outros arbustos.

No respeitante a plantas silvestres, é interessante contemplar a sua variedade, sobretudo na Primavera, desde o rosmaninho com as flores roxas, às rosas albardelaras com flores de tom quase semelhante, ao tomilho de flores azuis e às giestas de flores amarelas, numa sinfonia de cores e de perfumes que enche o ar com a sua fragrância.

Na vertente virada para sudoeste o cerro apresenta-se escaldado e desprovido, portanto, de vegetação.

Aluga-se

Casa ampla com cerca de 150 m², óptimo local para restaurante regional ou outro ramo, junto à estrada Nacional e a 1500 m. da praia de Lagos.

Informa: Vendasta, R. Reinado Ferreira, n.º 34-A - Lisboa.

ção. Seria uma medida de certo valor económico e até paisagístico que se arborizasse essa parte do cerro com espécies vegetais apropriadas, de acordo com a carta de solos do Algarve, se porventura ela existe, e as respectivas condições climáticas.

Com a série de melhoramentos que a Câmara Municipal de Oihão tem empreendido no cerro de S. Miguel em cujo número se contam as vias de comunicação e a electrificação de toda a zona, não só se contribui para o desenvolvimento turístico do concelho e do Algarve, como se consegue algo em benefício da população, por forma a evitar-se o seu êxodo.

J. Fernandes Mascarenhas

JANELA DO MUNDO

(Conclusão da 1.ª página)

Dublin e Londres correram o risco de cortar relações; a deputada Bernardette Devlin esbofeteou nos Comuns o ministro do Interior e vários países estrangeiros ao conflito manifestaram a maior preocupação.

Os católicos da Irlanda do Norte decidiram então manifestar-se na cidade de Newry e aconteceu o inesperado. A Associação dos Direitos Cívicos, que marcou a manifestação, pôde organizá-la ordenadamente, sem atritos nem tiros. At estiveram reunidas cerca de 50 mil pessoas e no comício que se efectuou à memória das vítimas de Londonderry, foi celebrada a vitória da não-violência.

Foi realmente uma extraordinária manifestação de unidade e coesão e a primeira vez que milhares de defensores dos direitos cívicos se reunem sem perturbar a ordem. Os observadores assinalaram o facto como sintoma de viragem política e de desencontro entre a Associação e o IRA (Exército Clandestino de Libertação).

No mesmo dia do desfile em Newry, o Primeiro Ministro britânico dirigiu um apelo à ordem, afirmando que não desistia de encontrar uma solução política para a crise. Edward Heath declarou nessa ocasião: «Não pedimos aos dirigentes católicos do Ulster que aceitem o internamento. Não lhes pedimos que desistam das suas aspirações a uma Irlanda unificada».

Significativas estas palavras de que é possível estabelecer um diálogo entre Londres, Belfast e Dublin, como já foi tentado.

O vento de fúria que varreu a Irlanda do Norte parece já ter amainado. Houve vítimas e violências, mas chegou a hora da conversação. Este é o único processo de resolver os conflitos entre os povos. A Irlanda do Norte é um grave problema de difícil solução. A unificação é assunto discutível e tem numerosos antagonistas, embora aparentemente seja a solução mais lógica.

As razões políticas são diferentes e muitas vezes a defesa dos interesses das populações anda por caminhos opostos. A luta que os católicos do Ulster têm travado não pode, porém, ficar no esquecimento porque ele representa também uma importante parcela da realidade do país. Não é possível decidir o futuro dos povos prejudicando uma maioria dos seus habitantes ou por uma resolução governamental. Há que pesar muito maduramente os prós e os contras e Londres sabe que não é fácil a decisão.

Mateus Boaventura

Síntese (ou talvez não)

Naquele tempo disse o sr. S. Leiria aos leitores: «Depois das palavras cruzadas dos jornais (descobrir o sexo do ente) é dos melhores passatempos que se pode ter a uma mesa de café».

São (tristes) mentalidades... Aquela crónica (uma salada fantástica e tendenciosa, a ocupar um

espaço que por direito moral deve servir os interesses primordiais dos tavirenses), levou-me a dizer ao sr. S. L. que os entes em causa não surgiram deslocados ou espontâneos. Tal forma de protesto é resultado da reunião de condições objectivas (e nem só) no seio da sociedade que os gerou. Mas o anti-dialéctico sr. S. L. não vai nisso. Reduz as variadíssimas interferências dos factores políticos, sociais, económicos e culturais a uma crítica inconsequente de café.

Acaso os senhores em causa pretendem dizer que os barbeiros implantam inteligência nas pessoas? Ou é só uma questão de estética... ou de ética.

O sr. R. P. barafusta com os mesmos argumentos adúlteros, desviacionistas, enfim a mesma mentalidade.

A. M. diz, correctamente, que as formas de protesto em causa surgem obrigatoriamente a partir de leis económico-sociais criadas pela sociedade em que estamos inseridos. (Caro A. M. malhar em ferro frio é inútil).

Mas enquanto as nossas atenções se quedam nesta porfia de princípios, em Vaqueiros morre uma jovem em comprometedoras circunstâncias. Por falta de carro de aluguer, comentam uns. Por falta disto ou daquilo dizem outros.

Ou talvez tenha sido carência de um meio espiritual que na aplicação prática oferece grandes meios materiais: a mentalidade.

Naquela povoação, dirão que foi o «destino». Mas quando «destino» quer dizer carência de algo de que somos culpados é, sem dúvida, um triste «destino».

Grite ruidosamente do alto do seu idealismo o sr. S. L.: «Abaixo os quedelhudos». Que o sr. R. P. lute desesperadamente contra o «desmazelo e falta de higiene». Que A. M. ou J. V. venham contestar afirmações erradas difundidas publicamente. Tudo isto em nada ajudou a jovem de Vaqueiros, nem ajudará outras jovens de outros Vaqueiros.

As meninas «dos teatros GT» comentam a realidade entre risos às mesas dos cafés, do mesmo modo que outras pessoas de maior responsabilidade.

O tempo ocupado a descobrir sexos de entes ou outras coisas mais, deveria ser ocupado a analisar a realidade cultural algarvia (todos se devem recordar de um cantor pseudo-intelectual a ganhar o pão no Algarve e que, quando se deslocava a Lisboa dizia vir apañar banho de «civilizações»). Detectar o vírus estagnador. Descobrir os meios embrionários que arrastem o Algarve para um ambiente social-cultural positivo, deve ser o propósito firme de todos os algarvios. Depois... discutiremos amigavelmente posições.

Oeiras, 18-1-72

J. Vasques

JORNAL DO ALGARVE
lê-se em todo o Algarve

A dar de vaia...

(com falojar soez, som magoar)

A Carlos Albino

Estou aqui a dar de vaia Já disse ali O Carlos Albino.

A des ó mascra, já te conhece mesmo qué cá na quezesse (com esta é qué te barimbe) é só olhar p'ru cachimbe vê-se logo, é o Carlos Albino. Oiga lá mé memine: vamos todos dar de vaia pra ver se temos sorte, a ver se o Destino que manda do sul ó norte nos faz a aqiedade de mandar a Universidade cá pró nosso cantinhe. E que venha num s'tantinho pra ver se a rapaziada que anda toda marafada fica mais apauziguada com o ensino ó pé da porta e também prá família que anda chéa de quezila ficar mais cevezada!

«Estes filhos duma magána que vêm da raça turdetana de mestura com agarenos, que não joguem fora os tesouros que vem do tempo dos mouros com data grega-romana!»

E, porque estou malmentinhos a passar prós oitenta vamos a ver se a vida se aguenta (quem sabe, às vezes...) Q'ria ouvir os môces camponeses jovens, pares em devaneios de doces idílios cheios, a recitar campos fora a toda a hora éclogas bucólicas das afamadas Geórgicas do grande e eterno Vergílio. E, nas praias reboando altisonantes da voz dos mareantes as estrofes da Eneida, com alma até Almeida, enfrentando o Oceano: ARMAS VIRUMQUE CANO!

Bem, é cá vou-me embora; Viva a marítima, viva o serrenho. Assim q'má sim, já agora logo amanhã cá venho... Máí que feite!!!

Marcos Alvor

Câmara Municipal do Concelho de Alcoutim A NÚNCIO

Faz-se público que, no dia 6 de Março de 1972, no edifício dos Paços do Concelho, pelas 15 horas, e perante esta Câmara Municipal, se procederá ao concurso público para arrematação da obra da «E. M. 508 — Construção do lanço entre a E. N. 124 e o limite do concelho — 3.ª fase — construção da Ponte da Ribeira da Foupana e acessos».

Base de licitação 1 792 940\$00

Para ser admitido a concurso é necessário:

a) Que o concorrente tenha efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas Filiais, Agência ou Delegação o depósito de 44 823\$50 (quarenta e quatro mil oitocentos e vinte e três escudos e cinquenta centavos), mediante guia preenchida pelos próprios concorrentes.

b) Que o concorrente esteja inscrito como empreiteiro de obras públicas na 2.ª subcategoria da III categoria e na subclasse A da 2.ª classe, estabelecidas pelo regulamento do Decreto-Lei n.º 40 623, de 30 de Maio de 1956.

O depósito definitivo será de 5% da importância da adjudicação.

O programa de concurso, caderno de encargos e projecto da obra estão patentes na Secretaria desta Câmara Municipal e na Direcção de Urbanização de Faro, todos os dias úteis durante as horas de expediente.

Alcoutim, 4 de Fevereiro de 1972

O Presidente da Câmara,

António Joaquim Felício Júnior

BANCO VISEENSE

UM BANCO MODERNO DESDE 1868

SERVIÇO SERE TRANSFERÊNCIAS DE ECONOMIAS DE EMIGRANTES PARA PORTUGAL

DEPÓSITOS de prazo superior a 6 meses JURO (anual) 5% LIQUIDO

SEDE R. Formosa, 18 Tel. 22267 VISEU

SEDE CENTRAL R. Aurea, 139-143 Tel. PPC 34331 Telex 1358 APINO P LISBOA

CASA PIANO: RIO DE JANEIRO, BUENOS AIRES

Notariado Português Cartório Notarial de Castro Marim

Certifico que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas, n.º 18, de fls. 21 v. a fls. 23 v., existe a escritura cuja cópia integral é como segue:

N.º 13 — JUSTIFICAÇÃO

No dia três de Fevereiro de mil novecentos setenta e dois, no Cartório Notarial de Castro Marim, perante mim Manuel Marçal de Sousa, ajudante em exercício deste Cartório por motivo de transferência do Notário, compareceram como outorgantes os senhores:

Primeiro — João Miguel de Jesus Calvino, natural da freguesia e concelho de Vila Real de Santo António, casado com Maria Edviges Messias Caetanita Calvino segundo o regime de comunhão dos adquiridos, residente no sítio do Monte Negro, freguesia da Sé, concelho de Faro.

Segundos — Manuel Cravinho dos Santos, residente nesta vila de Castro Marim e Deodato do Carmo Rocha, residente no sítio da Junqueira da freguesia e concelho de Castro Marim, naturais desta freguesia, casados; e Francisco Zarcos Graça, casado, natural e residente na vila, freguesia e concelho de Vila Real de Santo António.

Verifiquei a identidade dos outorgantes, o primeiro por exibição do seu bilhete de identidade n.º 1099037, passado pelo Arquivo de Identificação de Lisboa, em 1 de Agosto de 1969, o último pela exibição do mesmo documento de identificação n.º 298162, passado pelo mesmo Arquivo em 9 de Outubro de 1971, e os outros dois por conhecimento pessoal.

Pelo primeiro foi dito que, por escritura de quatro de Junho de mil novecentos e setenta e um, lavrada a folhas oitenta e seis verso do livro número dezasseis deste Cartório, adquiriu por compra feita a Rita Calvino, viúva, natural e residente no sítio das Hortas da dita freguesia de Vila Real de Santo António, uma porção de terreno para construção, com a área de trezentos e cinquenta metros quadrados, sendo dez metros de frente e trinta e cinco metros de fundo, no dito sítio das Hortas, que confronta: norte herdeiros de Manuel Bravo, sul caminho, nascente Francisco Viegas Calvino e poente João Viegas Calvino, omisso na respectiva matriz, por se destinar a construção urbana e não ter inscrição própria e nem se encontra descrita na Conservatória do Registo Predial desta comarca e cujo valor é de três mil escudos. Que esta porção de terreno constitui um prédio distinto há mais de trinta anos por partilhas amigáveis feitas entre a vendedora e todos os seus irmãos. Que esta porção de terreno, provém da herança dos avós da vendedora, José António Tenório Júnior e sua mulher Maria Josefina do Carmo, falecidos há mais de cinquenta anos e de seus pais, José Viegas Calvino e sua mulher Maria Josefina do Carmo, falecidos há mais de trinta anos. Que a vendedora já era viúva

quando seus pais faleceram. Que logo após as partilhas amigáveis feitas com seus irmãos, a vendedora tomou posse da propriedade atrás descrita e dela teve posse pacífica, continuada e com inteira exclusão de outrem durante mais de trinta anos. Que por virtude da compra efectuada, o justificante é dono e legítimo possuidor, com exclusão de outrem, do prédio acima referido e, sobre o mesmo vem, desde então, exercendo posse legítima. Que, porém, embora disponha de título válido de aquisição, não dispõe, todavia de documento bastante para efectuar o respectivo registo do prédio nos termos do artigo décimo terceiro, número um do Código do Registo Predial, por o direito adquirido se não encontrar registado a favor da vendedora, nem ser possível efectuar o registo. Dura portanto a posse da vendedora há mais de trinta anos, tempo bastante para nos termos da Lei, titular a propriedade, mesmo que falte o título à vendedora. Assim, encontrando-se o primeiro outorgante impossibilitado de registar em seu nome, o prédio em causa, pelas razões que se referiu, e demonstrando-se, por outro lado, que independentemente do título da vendedora, cuja falta impede o registo, decorreu já prazo legal para a aquisição por usucapião, vêm os três declarantes, nos termos do artigo duzentos e quatro do Código do Registo Predial e cem do Código do Notariado declarar e afirmar, ser o primeiro outorgante o titular do direito que se arroga, sobre o prédio em causa, com inteira exclusão de outrem, a fim de ficar justificado o seu direito. Assim o disseram e outorgaram. Instrui esta escritura a certidão passada hoje na Repartição de Finanças do concelho de Vila Real de Santo António, da qual consta a omissão do prédio na matriz e uma certidão negativa da Conservatória do Registo Predial desta comarca com a data também de hoje. A primeira certidão fica arquivada no maço competente sob o número vinte e dois e a segunda restituí. Escritura lida aos outorgantes e aos mesmos feita a explicação do seu conteúdo, tudo em voz alta e na presença simultânea de todos os intervenientes.

aa) João Miguel de Jesus Calvino — Manuel Cravinho dos Santos — Deodato do Carmo Rocha — Francisco Zarcos Graça. O Ajudante do Cartório Notarial em exercício, a) Manuel Marçal de Sousa.

Trespasa-se em Lagos

Estabelecimento de mercearias e perfumarias (Auto-Serviço) na Rua Dr. Oliveira Salazar, 75 e Travessa Sr.ª da Graça, 7, por motivo de o dono não poder estar à frente do negócio. Reúne condições para outras actividades por relativamente grande e boa localização.

Tratar na Rua Dr. Oliveira Salazar, 75, em Lagos ou pelo telefone 40 de Ourique.

É certidão que extrai e vai conforme ao original.

Castro Marim, aos oito de Fevereiro de mil novecentos e setenta e dois.

O Ajudante do Cartório Notarial,
Manuel Marçal de Sousa

Câmara Municipal de Vila Real de Santo António ANÚNCIO

VENDA DE TERRENOS EM VILA REAL DE SANTO ANTONIO

A Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, vende em hasta pública no dia 28 de Fevereiro de 1972, pelas 15 horas, sete parcelas de terrenos sítos em Vila Real de Santo António, para construção urbana, destinados a habitação.

LOTES N.ºs 1, 2, 3 e 4/72

Para 4 pisos — Área 165 m². — Base de licitação 150 contos.

LOTES N.ºs 5, 6 e 7/72

Para 4 pisos — Área 165 m². — Base de licitação 135 contos.

As condições de alienação encontram-se patentes na Secretaria da Câmara Municipal, podendo ser consultadas durante as horas de expediente.

Paços do Concelho, aos 19 de Janeiro de 1972.

O Presidente da Câmara,

Dr. António Manuel Capa Horta Correia

Propriedade de Sequeiro Vende-se

34 hectares, servida por estrada alcatroada em construção, poço com abundância de água para as necessidades de exploração agro-pecuária comportada pela propriedade, boas instalações.

Resposta a este jornal ao n.º 15 054.

CORREIO de LAGOS

Defendamos a manutenção do Rancho Folclórico de Lagos

Pelo que até nós tem vindo, há quem, por ausência de formação, venha desenvolvendo aquilo que bem poderemos classificar de «mexericos» para abalar o Rancho Folclórico de Lagos. Ora, a manutenção desta importa de verdade, visto que Lagos no respeitante a coisas de cultura e arte, está pobre. Adstrito ou não ao Clube Marítimo onde a massa associativa, não querendo privar-se da televisão, prejudica os ensaios, há que defender a sua existência.

O ideal seria dispor o Rancho de casa própria e ter absoluta independência, com estatutos próprios e direcção composta por pessoas cultas e amantes do folclore.

A frente dos seus destinos tem estado pessoa que gosta do folclore e com vontade de vencer, porque estamos colaboração, não poderá conseguir resultados que satisficam gregos e troianos.

O subsídio que o Rancho vinha recebendo da Comissão Municipal de Turismo, cessou, com a criação da Comissão Regional, mas porque estamos convencidos de que esta, inteirada de progressos no Rancho, não hesitará em dar-lhe auxílio condigno, bom será que todos trabalhem no sentido de cessarem os «mexericos» e fortalecer os poucos que vêm actuando num agrupamento cultural que Lagos quer e deve manter.

O culto pelas plantas e árvores é algo que urge incentivar

Vêm estas linhas a propósito do desrespeito que dia a dia constatamos, pelos estragos nas plantas e árvores da Avenida dos Descobrimentos que, sendo a artéria principal da cidade, pode, uma vez tratada convenientemente, marcar nos destinos de Lagos.

Para os que alcançam algo mais que os prazeres materiais que o dinheiro proporciona, as plantas e as árvores constituem matéria espiritual de grande valor.

Estamos gratos a quantos, ligados aos serviços camarários, vêm atendendo os nossos pedidos no sentido da conservação das plantas e árvores existentes.

Alguns espaços desprovidos de plantas pelo desrespeito de novos e velhos, estão sendo objecto de replantação, e porque se impõe de uma vez para sempre respeito por tudo que é obra da Natureza, oxalá através da professores e educadores se desenvolva o espírito de conservação das plantas e árvores existentes e, para a sua renovação constante, se restaure a festa da árvore, não só nas escolas de ensino primário, como

secundário, liceal e até mesmo universitário.

A Costa de Oiro não reunirá condições para um porto de recreio como o de Vilamoura?

A Costa de Oiro, talvez a mais privilegiada do Algarve pelas suas belezas, não inferioriza estamos convencidos, a zona marítima que constitui o porto de recreio de Vilamoura. Ali, porém, o espírito de iniciativa e poder de realização dão as mãos através da força de pensamento de nacionais e estrangeiros.

Aqui, tudo tem vindo a processar-se negativamente, não se facilitando construções de ruído como as da Organização Torralta que, uma vez instalada na zona da Meia Praia não deixaria de contribuir para a valorização da Costa de Oiro e, consequentemente, de Lagos.

Um plano de urbanização que já tem cabelos brancos, serve, regra geral, para dificultar ou facilitar, conforme as interpretações dos que superintendem, e Lagos vai retrocedendo enquanto localidades com menos condições naturais progredirem pela força de vontade dos seus habitantes.

Quando imitarão os lacobrigenses os exemplos dos que sabem unir-se para que as suas cidades, vilas e aldeias progredam?

Joaquim de Sousa Piscarreta

Júlio Sancho

MÉDICO-RADIOLOGISTA

Radiodiagnóstico

Roententerapia

Rua Castilho, 37 — Tel. 22644

FABO

Aos beneficiários dos Serviços Médico-Sociais é concedido o preço de políclínica nos exames radiológicos a título particular.

TINTAS «EXCELSIOR»

Se vai para o
CANADÁ...
procure-me!
Estou à sua espera
e o meu nome é:

Filomena Moreira



À sua chegada a terras do CANADÁ a TAP tem à sua espera no aeroporto, as suas assistentes de terra, especialmente encarregadas de o receber para que você se sinta como se chegasse a sua casa. Não deixe de as procurar, dado que haverá certamente alguma coisa em que elas lhe poderão ser úteis!
Conte com elas... conte com a TAP!

A TAP oferece-lhe para o CANADÁ três voos por semana e toda a assistência de bordo e em terra que for necessária aos seus passageiros.

Para a sua viagem informe-se junto do seu Agente de Viagens ou nos nossos escritórios em Lisboa, Porto ou Faro.

TAP
TRANSPORTES
AÉREOS
PORTUGUESES

Notariado Português

Cartório Notarial de Castro Marim

Certifico que neste Cartório, no livro de notas para escrituras diversas n.º 18 de fls. 26 v. a fls. 28 v., existe a escritura cuja cópia integral é como segue:

N.º 16 — CONSTITUIÇÃO DE SOCIEDADE

No dia oito de Fevereiro de mil novecentos setenta e dois, no Cartório Notarial de Castro Marim, perante mim Manuel Marçal de Sousa, ajudante em exercício deste Cartório por motivo de transferência do Notário compareceram como outorgantes os senhores:

Manuel da Conceição Rosa, natural da freguesia e concelho de Vila Real de Santo António, portador do bilhete de identidade n.º 1331404, passado em 18 de Dezembro de 1971, pelo Arquivo de Identificação de Lisboa; Vítor Manuel Morais da Costa, natural da freguesia de São Sebastião, concelho de Lisboa, portador do bilhete de identidade n.º 130418, passado em 20 de Janeiro de 1969 pelo mesmo Arquivo; e Francisco Correia Vargas, natural da freguesia e concelho de Mértola, portador do bilhete de identidade n.º 78126, passado em 12 de Setembro de 1967, pelo referido Arquivo, todos casados sob o regime de comunhão geral de bens, respectivamente com Noémia Paulino Vaz Rosa, Deolinda Alves Domingos da Costa e Belmira Oliveira da Consolação Garcia Rosa Vargas.

São os outorgantes residentes habitualmente em Vila Real de Santo António e pes-

soas cuja identidade verifiquei pelos indicados bilhetes de identidade que me foram exibidos e restituí.

E por eles foi dito que, constituem entre si uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada nos termos constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a denominação de «Ortenco — Centro Técnico de Contabilidade Mecanizada, Limitada», tem a sua sede em Vila Real de Santo António e domicílio provisório na Rua Dr. Francisco Gomes, n.º 47 e durará por tempo indeterminado a contar de hoje.

Parágrafo único — A administração da sociedade poderá contudo mudar a sede ou domicílio.

Segundo — A sociedade terá por objecto principal o negócio de organização de contabilidade, sua execução e todos os assuntos relacionados com matéria contabilística, a representação de quaisquer companhias de seguros, bem como o exercício de qualquer outra actividade congénere que a sociedade julgar conveniente e que seja permitido por lei.

Terceiro — O capital social, integralmente realizado é de sessenta mil escudos, divididos em três quotas proporcionalmente iguais, pertencendo aos referidos Manuel da Conceição Rosa, Vítor Manuel Morais da Costa e Francisco Correia Vargas. Parágrafo único — Qualquer sócio poderá fazer suprimimentos à sociedade, quando ela deles necessitar, com ou sem juros, conforme

for resolvido em assembleia geral.

Quarto — A administração e a gerência da sociedade ficam a cargo de todos os sócios, os quais são desde já nomeados gerentes e ficam dispensados de caução, sendo os citados sócios Manuel e Francisco, gerentes técnicos, ambos inscritos na Direcção Geral das Contribuições e Impostos, como técnicos de contas, mas para que a sociedade fique válidamente obrigada em todos os actos e contratos, são sempre necessárias as assinaturas dos três gerentes. Parágrafo único — Os gerentes poderão delegar, uns nos outros, por procuração, todos ou parte dos seus poderes de gerência, caso em que a assinatura de um gerente obrigará a sociedade.

Quinto — É livre entre os sócios a cessão total ou parcial de quotas, mas a estranhos depende do consentimento prévio da sociedade.

Sexto — As reuniões da assembleia geral, quando a lei não exija outras formalidades, serão convocadas por carta registada dirigida aos sócios com a antecedência mínima de oito dias.

Sétimo — Os lucros líquidos apurados, depois de deduzidos os cinco por cento para fundos de reserva legal, serão repartidos pelos sócios na proporção das suas quotas.

Oitavo — Em tudo o não previsto, a sociedade reger-se-á pelas deliberações tomadas em assembleia geral e constantes das actas respectivas e ainda pelas disposições legais em vigor.

Assim o disseram e outorgaram.

Adverti os outorgantes de que este acto está sujeito a registo a efectuar no prazo de noventa dias na competente Conservatória do Registo Commercial.

No maço dos documentos relativos a este livro e sob o n.º 28, arquivo a certidão passada em 27 de Janeiro de 1972, na Repartição do Comércio da qual consta não estar matriculada qualquer sociedade com a denominação adoptada ou que com ela se possa confundir.

Escritura lida aos outorgantes e aos mesmos feita a explicação do seu conteúdo, tudo em voz alta e na presença simultânea de todos os outorgantes.

aa) Manuel da Conceição Rosa — Vítor Manuel Morais da Costa — Francisco Correia Vargas. O Ajudante do Cartório Notarial em exercício, a) Manuel Marçal de Sousa.

É certidão que extrai e vai conforme ao original, pedida com urgência.

Castro Marim, oito de Fevereiro de mil novecentos e setenta e dois.

O Ajudante do Cartório Notarial,
Manuel Marçal de Sousa

O chefe do distrito de Beja visitou Corte do Pinto e a Mina de S. Domingos

Esteve na aldeia de Corte do Pinto (concelho de Mértola), em visita de trabalho, o dr. João Luís da Graça Zagalo, Vieira da Silva, governador civil de Beja, que era acompanhado pelos srs. Manuel Gonçalves Relego e dr. Pereira da Silva, presidentes do Município de Mértola e da Junta de Freguesia e por outras individualidades. Após ter presidido ao desceramento de uma lápida, que dá o nome do dr. Pereira da Silva, a uma rua da freguesia, o chefe do distrito de Beja visitou a Casa do Povo, onde se realizou uma sessão solene, em que usaram da palavra os srs. Manuel Henrique Guerreiro, dr. Pereira da Silva e Manuel Gonçalves Relego. O primeiro orador, membro da comissão concelhia da A. N. P., saudou o visitante e referiu-se a algumas aspirações da localidade, nomeadamente a electricidade, arranjo das ruas, esgotos e água canalizada, sanitários públicos, alcatroamento das estradas de Corte do Pinto a Corte da Azinhaga e a Vale do Perceiro, Hiração à via de Aldeia Nova de S. Bento, passagem de carreira de Serpa à Mina de S. Domingos, pela Corte do Pinto, e criação de pequenas indústrias.

O dr. M. Pereira da Silva, agradeceu a homenagem de que fora alvo e pôs em evidência as dificuldades económicas da Junta de Freguesia. O sr. Manuel Gonçalves Relego acentuou diversos problemas de interesse regional. Encerrou a sessão o governador civil, que prometeu o melhor apoio para o desenvolvimento da Corte do Pinto e do concelho de Mértola que, na sua opinião, é o mais pobre do distrito.

Seguidamente o dr. Vieira da Silva visitou a Escola Primária, a Junta de Freguesia, a igreja, o mercado, e deslocou-se à Mina de S. Domingos, antes de regressar a Beja.

H. PIMENTA DE CASTRO

MÉDICO ESPECIALISTA
DOENÇAS DA BOCA E DENTES
PRÓTESE DENTÁRIA

As consultas iniciam-se às 15 horas dando-se preferência às marcações.

OLHAO: terças e quintas-feiras, na Rua Dr. João Lúcio, 17-1.º
FARO: segundas, quartas e sextas-feiras, na Rua Reitor Teixeira Guedes, 3-2.º

OLHAO — 72619
ELEFS. Residência: 73104 — FARO
1247 — MONTE GORDO

Cravadeiras

Vendem-se 5 cravadeiras Sudrys de vários modelos com cames para todos os formatos de conservas de peixe.

Trata — Joaquim Henriques, Rua do Compromisso, 8 — OLHAO.

FRANGOS

PRONTOS A COZINHAR

do Aviário do Freixial

Frescos e congelados

PEDIDOS AOS:

EST. OS TEOFILO FONTAINHAS NETO-COM.º E IND.º, SARL

Telefones 45306/07/08/09 — S. B. DE MESSINES

DEPOSITOS: FARO — R. Conselheiro Bivar, 89-91 — Telef. 23669
PORTIMAO — Largo Gil Eanes, 20-21 — Telef. 23685
LAGOS — Rua Gil Vicente, n.º 34 — Telef. 62287

Notícias de LOULÉ

Recordações de velhos tempos

O «Ti Jaquim» dos Calvários, era pessoa muito sabida, de uma filosofia feita em volta da melhor maneira de se acomodar na vida e de um grande estudo prático de não deixar pender a balança para o lado do patrão, embora dando sempre uma ideia de que antes queria que lhe cortassem um dedo do que aquele ficasse mal. E com esta sua agudeza de espírito e com o que aprendera em duas dezenas de viagens às minas do Rio Tinto e à apanha do figo em Espanha, com guias de salvo-conduto, passadas pela administração do concelho, o «Ti Jaquim» era homem que se atrevia a fazer uma conta de rendimento dos figos, do custo dos adubos e das partilhas destas contas entre patrão e caseiro.

Ele tinha uma aritmética que guardava dos tempos da escola, a que curiosamente chamava a sua «gramática», pois para ele toda a vida, todos os problemas — mesmo os que não eram de números — tinham de obedecer aos preceitos da gramática.

O seu livro tinha um pouco de tudo: leitura de trechos morais, ligeira arranhada pela gramática propriamente dita e muitas contas e problemas com as quatro operações, o ensino da regra de três e da de mistura ou de liga. Era o que se chamaria agora o precursor do livro único.

Mais de 40 anos de experiência...

Em feridas infectadas

FURÚNCULOS E ANTRAZES

PASTA "SANO."

CONTRA A FURUNCULOSE

LABORATÓRIO "SANO," K. N. GAMA

À VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS.

aprendeu alguma coisinha no Liceu, que já procurávamos perceber o que dizia o «Le Matins», que comprávamos uma vez por quinzena, tínhamos, por imposição paterna, de ir ao monte, ouvir o «Ti Jaquim» e sabermos como corriam as colheitas, que tal se processava a ceifa, a recolha da amêndoa e do figo e se as alfarrobas estavam a coberto da chuva, porque o nosso pai era muito ciioso da sua honestidade e não tolerava poucas vergonhas. A amêndoa amarga, era colhida e vendida à parte, o figo que não prestava ia para a «tulla» do porco e a alfarroba não podia apanhar água. Bons tempos esses em que o «Ti Jaquim», embora não fosse aldrabão de reis, achava estas ideias do pai, já ultrapassadas. E então dizia: «o se pai é pessoa muito rigorosa. Quem é que não amasturas uma amendoimha amarga, quem é que não faz uma tereceras escolha ao fuguinho e quem é que não dá uns «salpicinhos» às alfarrobas? E que, nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Ali o vizinho do lado, governa-se melhor que o se pai porque sempre faz uns ganchinhos».

Quando era para pesar a alfarroba, o «Ti Jaquim» tinha duas alcofas, uma mais leve e outra mais pesada. Quando se estabelecia a tara da alcofa, operação que ele chamava «alar», a alcofa, a «talada» era a mais leve, substituída depois pela mais pesada, que acudia mais ao peso, dizia ele.

Um dia em que fui eu a «alar», peguei por acaso na mais pesada e ele quase que me arrancou com asperza, dizendo: «Antão o menino não vê que por quatro arrobas, temos de dar um quilo de «bom peso»? E quem nos paga esse quilo?» Foi então que fiquei sabendo a história das alcofas.

Noutras tardes em que a ida às fazendas era só de observação e visita, entretnhamo-nos a falar da vida, da guerra e da liberdade que se devia dar às classes mais oprimidas e «Ti Jaquim» era um pouco partidário da violência e não raro saía-se com esta: «colhe menino, que a justiça branda faz o povo rebelde».

E como eu não fosse da mesma opinião, argumentava: «Olhe ali a burra. Se lhe tirarem o cabresto, como é que a gente dá conta dela? Vai logo à bruta, a caminho do vizinho onde sente rurrar o burro». E a concluir estas discussões saía-se sempre com esta: «Os animais, como nós, devem ser sempre peitados ou acabramados, se não tornam-se selvagens. Todos temos que ter uma travação e veja lá o menino que figura fazia eu junto de si, se não tivesse a «minha gramática?».


R. P.

maior produção com FERTOR

um fertilizante orgânico

mais barato que o estrume
melhor que o estrume

indispensável em todos os solos e culturas exigentes de matéria orgânica e em especial nas terras esgotadas e muito lavadas pelas chuvas



Consulte a SAPEC:
R. Vítor Cordon, 19, LISBOA
R. Sá da Bandeira, 746-1.º D. PORTO

um quilo equivale a 10 Kgs. de estrume

fabricado por:
S. E. N. — Ermezinde

FERTOR É FARTURA

AGENTES EM TODO O PAÍS

não pode tomar leite?

DIESINE

é a solução

ALIMENTO LACTEO

rico em proteínas, cálcio e fósforo de que você e seus filhos necessitam. Elementos de saúde. Mas a sua saúde ganha ainda, porque toda a gordura e sal foram eliminados.



EM TODOS OS SUPERMERCADOS E BOAS CASAS DE ALIMENTAÇÃO

JORNAL DO ALGARVE

Vende-se em Lisboa na Tabacaria Mónaco — Rossio

Barranqueiro & Estêvão, Lda.

Indústria de Carpintaria

Madeiras Nacionais e Estrangeiras

ACEITA SERVIÇOS PARA TODO O ALGARVE
Agentes da Cantoneira Perfurada PERFIRAL e do equipamento para estabelecimentos MEBUNIK.

CONSULTE-NOS

ZONA INDUSTRIAL DA NOVA DOCA DE PESCA

Apartado 129 telef. 72575172524

OLHÃO

A construção de um pavilhão gimnodesportivo em Vila Real de Santo António

(Conclusão da 1.ª página)

urgentes. Atendida a petição, foram subsidiadas com 494 contos as obras do caminho municipal 1253 (construção do lanço de Portela (c. m. 1250) à ribeira do Alamo), no ponto em que o concelho confina com o de Castro Marim; da pavimentação da Rua 5 (entre a Rua 3 e a Rua dos Centenários) e da construção das Ruas 13, 14 e A. Aprovadas estas obras pela Câmara em sessão de 24 de Janeiro último, logo foi aberto o respectivo concurso, esperando-se que não tardem a ser começadas.

Decidiu igualmente o ministro, que a Delegação dos Edifícios da Segurança e das Alfândegas executasse imediatamente, de modo a estarem concluídas até fins de Abril próximo, as instalações sanitárias para os Serviços de Fronteira; que ao Município fosse dada assistência técnica na avaliação dos imóveis a expropriar na Rua de Angola; que o Ministério acompanhasse com o maior interesse os estudos a empreender pela Câmara para a construção da estrada marginal entre Monte Gordo e Vila Real de Santo António; que a Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização se pronunciasse com a maior urgência sobre a revisão do antepiano de urbanização de Vila Real de Santo António e estudo de urbanização parcial de Monte Gordo, bem como sobre o Sector 11 do Plano Regional do Algarve, na parte que interessa àquela vila.

Também a ampliação da rede de esgotos de Monte Gordo mereceu a atenção do ministro, que prometeu dar despacho logo que o Conselho Superior de Obras Públicas manifestasse o seu parecer.

Pontes Eusébio

Médico especialista

Ouvidos, Nariz e Garganta
Consultas diárias depois das 15 horas

Cons. — Rua de Santo António n.º 68 — 1.º Dt.º

Telef. Cons. 23133
Resid. 24263

Res. — Av. de Olivença, 97-5.º Esq.

FARO

A Universidade no Algarve contra o infortúnio da cultura e da ciência em Portugal

(Conclusão da 1.ª página)

reforma terá um objectivo mais caseiro, mais doméstico ou se estará virada para a urgente universalização da cultura portuguesa.

Utopia? Que seja! Mas que a utopia ao menos equilibre a dor de sentirmos uma sociedade em apressada corrupção, com casinos, com o mar alto substituído com um sol de valor científico totalmente desaproveitado e com uma tal posição geográfica que escandaliza todos os turistas cultos...

Carlos Albino Guerreiro

Restaurante em Faro

Trespasa-se ou cede-se exploração do Restaurante Caracoles, em Faro, Largo do Terreiro do Bispo, 28-30.

Tratar pelo telef. n.º 65335 de Quarteira.

Música e poesia em Faro

A Delegação da F. N. A. T. em Faro inaugura, no próximo dia 26, as suas novas instalações, na Rua Castilho, 35. A assinalar o acontecimento, são promovidos, naquele dia os seguintes actos:

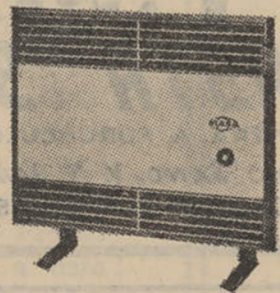
As 18 horas, distribuição dos prémios relativos às actividades gimnodesportivas das últimas três épocas e abertura da exposição dos trabalhos apresentados no I Salão de Fotografia organizado pela Delegação.

As 21,30, no ginásio do Liceu, um Sertão de Música e Poesia no qual colaboram os cantores João Rosa e Helena Cláudio, a pianista Nella Maissa, o violinista Christa Ruppert e o declamador Manuel Lerenó.



CONFORTO EXIGE aquecimento

CONVECTORES ELÉCTRICOS



CALOR NEGRO

MASA Metalurgia Artística, SARL

ÁGUEDA - Apartado, 41 - tele gramas 'MASA' fones 64128-64460-1

Os CONVECTORES ELÉCTRICOS MASA

fabricam-se nos seguintes modelos:

MODELO DE EMBUTIR — Para a construção civil

MODELO LINEAR — Para pendurar nas paredes

MODELO SALIENTE — Para fixar nas paredes

MODELO MÓVEL — Com pés

Com termostatos incorporados ou de ambiente, lâmpadas de sinalização e interruptores

ÓPTIMA CONSTRUÇÃO. QUALIDADE E ASSISTÊNCIA TÉCNICA GARANTIDAS

COLABORAÇÃO PARTICULAR PARA VENDAS NO ALGARVE:

VIANGO, LDA. — ALBUFEIRA

«SOMIVAL Sociedade Imobiliária do Vale Covo, Limitada»

Certifico, para efeitos de publicação que, por escritura de 27 de Dezembro de 1971, lavrada neste cartório notarial de Lagoa — Algarve, a cargo da Licenciada Catarina Maria de Sousa Valente, e exarada de folhas 82 verso a folhas 87, no livro de notas para escrituras diversas B-28, Anne Mary Bird, casada, natural da freguesia da Lapa, concelho de Lisboa, de nacionalidade inglesa, com residência habitual em Cascais, Casa São Bento, Rua Cesário Verde; e Margaret Mary Stilwell Rocha e Melo, casada, natural da freguesia referida da Lapa, com residência habitual no Barreiro, Rua Gay Lussac, número 11, constituíram, entre si, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que se regerá pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação de «SOMIVAL — Sociedade Imobiliária do Vale Covo, Limitada», tem a sua sede em Vale Covo, Praia de Carvoeiro, freguesia e concelho de Lagoa, podendo, porém, a gerência mudá-la sempre que entender conveniente, para qualquer outro local do território Metropolitano.

Parágrafo primeiro — A gerência pode também constituir, observadas as formalidades legais, agências, sucursais, filiais ou quaisquer outras formas de representação social.

SEGUNDO

A duração da sociedade é por tempo ilimitado, a contar da data deste estatuto.

TERCEIRO

A sociedade tem por objecto social a revenda de prédios adquiridos para esse fim, a de urbanização de terrenos, a de construção e exploração de empreendimentos turísticos e quaisquer outras que a assembleia geral delibere e sejam permitidas por lei.

QUARTO

Primeiro — O capital social é de um milhão de escudos, está devidamente subscrito e realizado em dinheiro, pelos sócios e é representado pelas seguintes quotas — uma, no montante de setecentos e cinquenta mil escudos, pertencente à sócia Anne Mary Bird; e outra, no montante de duzentos e cinquenta mil escudos, pertencente à sócia Margaret Mary Stilwell Rocha e Melo.

Segundo — A gerência pode livremente aumentar o capital social até dois milhões e oitocentos mil escudos.

QUINTO

Primeiro — É livre a cessão de quotas entre os sócios, mas se os demais sócios estiverem também interessados na aquisição, será a quota dividida entre o cessionário e os interessados, na proporção das suas quotas.

Segundo — A cessão de quota a terceiros depende de autorização da sociedade, a

qual terá sempre o direito de preferência.

Terceiro — Se, no caso do número dois deste artigo, a sociedade autorizar a cessão, mas não quiser exercer a preferência, cabe igual direito aos sócios; — sendo vários os sócios interessados, será a quota repartida entre eles na proporção das suas quotas.

SEXTO

São admitidas prestações suplementares, cujo montante e forma de liberação serão estabelecidos em Assembleia Geral.

SÉTIMO

Primeiro — São também admitidos suprimentos dos sócios, na medida em que eles se mostrem necessários ao melhor andamento dos negócios sociais.

Segundo — O montante do suprimento, bem como os juros respectivos e forma de reembolso, serão fixados em assembleia geral.

OITAVO

Primeiro — A sociedade pode proceder à amortização de quotas nos seguintes casos: — a) Por acordo com o respectivo sócio; b) Por interdição, falência ou insolvência do sócio; c) Quando qualquer quota tenha sido penhorada, arrestada, adjudicada ou por qualquer forma vendida em virtude de processo judicial, ou quando seja ordenado qualquer desses actos.

Segundo — Nos casos das alíneas b) e c), o valor da quota será determinado por um perito nomeado por todas as partes, devendo a amortização ser efectuada no prazo de noventa dias a contar do conhecimento do facto que a determine.

Terceiro — A amortização considera-se feita pela outorga da respectiva escritura e pelo pagamento ou consignação em depósito da totalidade do seu preço.

NONO

Primeiro — A administração e gestão dos negócios sociais cabe a um conselho de gerência, constituído por um a três gerentes, que podem deixar de ser sócios, eleitos em assembleia geral, por períodos de três anos, podendo ser reeleitos por uma ou mais vezes.

Segundo — Ao conselho de gerência são atribuídos os mais amplos poderes admitidos na lei comercial, cabendo-lhe, nomeadamente, representar a sociedade em juízo ou fora dele, activa e passivamente.

Terceiro — Para a sociedade ficar obrigada basta que os respectivos actos e contratos sejam, em nome dela, assinados por um dos gerentes.

Quarto — Os gerentes ficam dispensados de prestar caução pelo exercício de seu cargo.

Quinto — Qualquer dos gerentes pode, em nome da sociedade, constituir mandatários para a prática de actos determinados, mediante procuração bastante.

DÉCIMO

Primeiro — As assembleias gerais, sempre que a lei não exija quaisquer outras formalidades, serão convocadas por cartas registadas, com aviso de recepção, enviadas aos sócios, com a antecedência mínima de oito dias.

Segundo — A assembleia geral poderá ser convocada pela gerência, ou por qualquer sócio com pelo menos, trinta por cento do capital social.

Terceiro — As deliberações da Assembleia Geral serão tomadas por maioria dos votos dos sócios presentes ou devidamente representados, sempre que outra maioria não seja exigida pela lei ou por este estatuto.

Quarto — Os sócios podem fazer-se representar na Assembleia Geral por qualquer outro sócio, por meio de simples carta dirigida à gerência.

DÉCIMO PRIMEIRO

As pessoas colectivas serão representadas no conselho de gerência e nas Assembleias Gerais, pelas pessoas que as mesmas designem para o efeito.

DÉCIMO SEGUNDO

Primeiro — O ano social corresponde ao ano civil.

Segundo — O balanço anual é referido a trinta e um de Dezembro de cada ano e deve ser aprovado em Assembleia Geral até trinta e um de Março do ano seguinte.

Terceiro — O primeiro ano social contar-se-á desde a data desta escritura e até trinta e um de Dezembro de mil novecentos e setenta e dois.

DÉCIMO TERCEIRO

Os lucros apurados em balanço terão o seguinte destino: a) cinco por cento, pelo menos, para formação ou reintegração do fundo de reserva legal; b) As percentagens ou quantias fixadas por deliberação da Assembleia Geral, para formação ou reintegração de fundos de reserva especiais ou outros fins; c) O restante para distribuir entre os sócios, na proporção das respectivas quotas.

DÉCIMO QUARTO

Primeiro — A sociedade dissolve-se nos casos e com os fundamentos indicados na Lei.

Segundo — A liquidação social será feita pela gerência em exercício, salvo deliberação em contrário, da Assembleia Geral.

DÉCIMO QUINTO

Ficam desde já nomeados gerentes os dois sócios, que exercerão o seu mandato até trinta e um de Dezembro de mil novecentos e setenta e dois.

Está conforme.

Cartório Notarial de Lagoa, 22 de Janeiro de 1972.

A Ajudante,

Maria Cecília G. Pargana

40\$00

Por esta importância e neste espaço, dê a conhecer as suas transacções a milhares de leitores.

A atualidades desportivas

BASQUETEBOL

NACIONAL DA 2.ª DIVISÃO
ZONA SUL — SÉRIE B
BOA ACTUAÇÃO, EM LISBOA,
DOS PESCADORES DE PORTI-
MÃO

Foi boa a presença do cinco barlavento na sua 2.ª deslocação à capital e excelente a vitória que averbou sobre o difícil cinco do Lusó do Barreiro, perdendo frente ao Sacavenense por escassa diferença. Tudo parece indicar, portanto, estar ao alcance da equipa um lugar a meio da tabela classificativa. Resultados Lusó, 59 — Pescadores, 66; Sacavenense, 63 — Pescadores, 60.

NACIONAIS DE JUNIORES
E JUVENIS

Numa jornada de boa propaganda para a modalidade houve basquetebol de bom nível e incerteza quanto ao vencedor no jogo de juvenis, o que originou emoção e grande entusiasmo entre a assistência. Em mais uma jornada dos Nacionais de Juniores e de Juvenis, o cenário denominou-se Pavilhão de Faro, que possui umas tabelas que, francamente, já se não usam e que, para além do mais, são anti-regulamentares. Permittimo-nos, pois, a fim de evitar contrariedades aos clubes que utilizam o Pavilhão como seu campo, chamar a atenção da entidade responsável, já que as tabelas têm regulamentarmente de dispor de uma superfície lisa.

Apesar do tempo chuvoso, é de assinalar uma boa moldura de público, onde se destacava uma ruidosa falange de apoio por parte do Seixal, público esse que não deve de ter dado por mal empregado o seu tempo, pois houve fartos motivos de interesse, com basquetebol de nível muito razoável e muita emoção. A modalidade marcou mais uns pontos, relativamente à sua propagação e fomento, tão necessários para a sua maior evolução na nossa Província.

De lamentar apenas que a dupla de arbitragem lisboeta — requisitada e a expensas dos clubes visitantes, Barreirense e Seixal — não tivesse tido actuação positiva, originando algumas cenas lamentáveis e perfeitamente evitáveis. E foram, sem dúvida, os nossos representantes — Faro e Benfica e Os Olhanenses — os prejudicados em face de meia-dúzia de decisões francamente infelizes e que em nada abatem o nível, incomparavelmente superior, da arbitragem lisboeta.

Mas apreciemos, em síntese, os dois encontros:

FUTEBOL

JOGO PARA HOJE:

I DIVISÃO

Leixões-Farense

JOGOS PARA AMANHÃ

II DIVISÃO

Olhanense-Seixal

Portimonense-Tramagal

III DIVISÃO

Grandolense-Lusitano

Faro e Benfica-Estoril

União Sport-Silves

Esperança-Vasco da Gama

PROVAS DISTRIITAIS

I DIVISÃO

Sambrazense-Louletano

Quarteirense-Tavirense

Imortal-Moncarapachense

JUNIORES

Olhanense-Farense

Silves-Esperança

Portimonense-Lusitano

JUVENIS

Lusitano-Portimonense

Louletano-Olhanense

II TORNEIO

Quarteirense-Silves

Farense-Louletano

Imortal-Moncarapachense

Água quente instantânea com LORENZETTI

Chuveiros — Torneiras — Aquecedores — Duchas
MONTAGEM FACILÍMA

Resistência blindada — Segurança absoluta

Para casas de banho, cozinhas, balneários desportivos, colégios, hotéis, fábricas, bares, cabeleiros etc.

Consulte a

ELDOFARIL — Representações LORENZETTI

Rua D. António Barroso, 67, Tel. 82992 — BARCELOS

Algumas áreas disponíveis, para Agentes e Subagentes

Desporto corporativo

No Campo da F. N. A. T., em Albufeira, disputaram-se dois encontros de futebol referentes ao Campeonato Corporativo.

C. R. P. DE FERREIRAS, 0
BAIRRO MARECHAL CARMONA, 10

O marcador reflecte bem a diferença verificada entre os dois conjuntos e marca superioridade sem contestação da equipa olhanense.

Enquanto existiram forças, os rapazes das Ferreiras resistiram com tenacidade às ofensivas dos olhanenses mas, depois os golos foram surgindo. O guarda António José foi chamado a árduo trabalho e se consentiu dez tentos, muitos evitou executando defesas difíceis.

A equipa de Olhão, que joga um futebol de entreajuda, bonito e terrivelmente eficiente com o avolumar do resultado entrou para o chamado «chale», brindando os espectadores com lances plenos de beleza e suavidade. Todos os jogadores possuem excelente técnica e as suas botas parecem magnetizadas, tal a precisão com que seguram as bolas.

Gostariamos de ver este conjunto em confronto com equipas de maior valia técnica, para melhor aquilatar das suas reais possibilidades.

TOURING CLUB, 0
HOTEL DE LAGOS, 2

Partida bem disputada e com ligeira vantagem territorial e técnica dos lacobrigenses, especialmente pelo melhor povoamento do meio-campo, de onde partiam ofensivas bem giradas e quase sempre perigosas para o último reduto da equipa da Falesia, onde só o guarda-redes Silva com grande exibição, obstava a que os tentos surgissem. Mas as ofensivas foram tantas e variadas que os golos acabaram por aparecer, os dois primeiros algo facilitados pelos dois centrais do Touring.

No segundo tempo ainda as albufeirenses tentaram o assédio à baliza contrária, não ganhando mais que alguns cantos que, marcados, nada resultaram. Vitória justa da melhor equipe.

Arménio Aleluia Martins

Dinheiro

Empresto sobre hipoteca.

Trata solicitador José António dos Santos — Tavira.

Terrenos para Construções

Prédios de Rendimento e Anderes

Em nova urbanização, servidos por transportes colectivos, com grande futuro.

VENDEM BARATO: J. PEREIRA JOR. E J. S. CARRUSCA
Estrada da Penha FARO

Prédio em Albufeira

Aceitam-se propostas até 29 do corrente, para a compra do prédio, sito no Caes Herculano, 16, completamente devoluto. Os proprietários reservam-se o direito de não vender caso o preço obtido não interesse, ou de usarem da faculdade de opção.

Dirigir à Rua Peró de Alenquer, 45 ao Restelo. Lisboa 3 — Telef. 611924.

Tem 25 contos?
Tem mais?
Tem menos?

— APLIQUE EM COMPROPRIEDADE AS SUAS ECONOMIAS COMPRANDO A J. PIMENTA, SARL

- Bom rendimento
- Garantia absoluta

Compre ou habite APARTAMENTOS MOBILADOS de **J. PIMENTA, SARL** em Lisboa • Amadora Paço de Arcos (Bairro Comendador Joaquim Matias) • Cascais • Coimbra • Luanda

ROCAMBOLE

(Continuação)

A PENEDIA

— Visconde André — disse Bastien, — é preciso que nos entendamos. Eu estou encarregado pelo senhor de Kergaz de lhe entregar cem mil francos se abandonar o país, renunciar a seduzir a menina de Beaupreau, e indicar a verdadeira habitação das duas meninas que raptou. Contudo, note bem isto: Se confessar tudo, obrigá-lo-ei a caminhar adiante de mim até Kerloven; ali conservá-lo-ei fechado até que o senhor de Kergaz responda à carta que vou escrever-lhe. Se ele encontrar as meninas, o senhor é livre; se mentir, matá-lo-ei.

— Direi a verdade — disse Williams, compreendendo que Bastien seria inflexível e que estava perdido se não falasse.

— Então? — insistiu Bastien.

— Joana e Cerise, — disse sir Williams com voz surda — estão em Bougival no cimo da colina, numa propriedade cercada por muros elevados. Estão sob a guarda duma mulher chamada a viúva Fipart e dum homem de nome Colar.

— Bem, — disse Bastien conservando sempre a pistola à altura da frente de sir Williams, — as minhas instruções, porém, não se limitam só a isto.

— Que mais é preciso? — perguntou sir Williams.

— Como já lhe disse, vou conduzi-lo a Kerloven. O senhor vai cami-

nhar adiante de mim de modo a que o possa matar se tentar fugir.

— Não fugirei.

— Depois — continuou Bastien, — ficará fechado até que o senhor de Kergaz me mande dizer que encontrou Joana e Cerise. Se mentir, porém, se forem falsas as indicações, mato-o como se mata um cão.

— Vamos — disse ele.

— Mate... Mate o maldito! — murmurava o idiota, sentado na pedra.

André deu um passo para diante do cavalo e Bastien seguiu-o. O idiota vendo-os caminhar, levantou-se e tomou-lhes a dianteira.

— Senhor visconde — disse Bastien com um acento de profunda convicção — seu pai, o conde Felipone, estendeu-me sob o gelo com um tiro de pistola na retirada de 1812. Eu seria o homem mais feliz do mundo se pudesse tirar agora a minha desforra, no caso de o senhor tentar fugir.

Sir Williams não respondeu e começou a caminhar lentamente, mas apesar da situação ser crítica e arriscada, recuperara todo o sangue frio e pensava já em triunfar. Enquanto caminhava, investigava com o olhar o atalho e dizia consigo que bastaria um pé posto em falso para precipitar no abismo cavalo e cavaleiro.

O doido seguia adiante proferindo imprecações: Bastien ia atrás de sir Williams com a pistola na mão convencido de que o baronnet não tinha arma alguma, aliás teria já feito uso dela. E com efeito sir Williams encontrara os coldres vazios, mas trazia sempre consigo um punhal que trouxera de Itália, o mesmo que tingira no sangue do seu parceiro na noite fatal em que perdera cem mil escudos sob palavra.

Pensar em apunhalar um homem que o ameaçava com uma pistola seria loucura, e sir Williams nem sequer pensou nisso, mas media com o olhar o precipício. O cavalo ia tão perto dele que lhe sentia o bafo nas costas.

«Esta vez — pensava Bastien — está seguro o nosso inimigo, e embora eu tenha de o matar, não nos há-de escapar».

De repente sir Williams tropeçou numa pedra, e deixou-se cair; depois, enquanto Bastien, sem desconfiança imaginava que ele ia leván-

tar-se e continuar caminhando, rápido como o raio, flexível como a cobra, o baronnet baixou-se e enterrou o punhal num dos ilhais do cavalo. O animal empinou-se, Bastien soltou um grito terrível e viu-se lançado no espaço.

Sir Williams havia precipitado cavalo e cavaleiro do alto da penedia para o mar. Ao grito soltado por Bastien respondeu um rumor surdo, e depois o silêncio da morte.

Cavalo e cavaleiro haviam-se despedaçado sobre as rochas, à flor da água que as vagas corovavam de espuma. O doido voltara-se quando ouviu aquele rumor e já não viu o cavalo nem Bastien.

Sir Williams estava só, de pé no meio do atalho, olhando tranquilamente para o abismo, sempre com o punhal na mão. O doido adivinhou tudo; soltou um grito de raiva, voltou para trás e lançou-se a sir Williams.

O baronnet era moço, ágil e robusto; o velho de uma estatura hercúlea conservava vigor não vulgar apesar da sua idade. Ambos se abraçaram estreitamente, procurando lançar-se reciprocamente no abismo.

Durantes dez segundos, poder-se-iam ver debatendo-se, rugindo num campo de batalha onde o menor descuido os podia precipitar no oceano. O idiota porém, tinha por única arma o seu braço nervoso, e sir Williams estava armado com um punhal.

De repente o velho soltou um gemido e estorceu os braços.

— Assassino! — murmurou ele.

Ele caiu para trás. Sir Williams empurrou-o com o pé e fê-lo reunir-se a Bastien. O baronnet cruzou os braços tranquilamente murmurando: «Decididamente, sou mais forte do que toda essa gente, mas escapei de boa!».

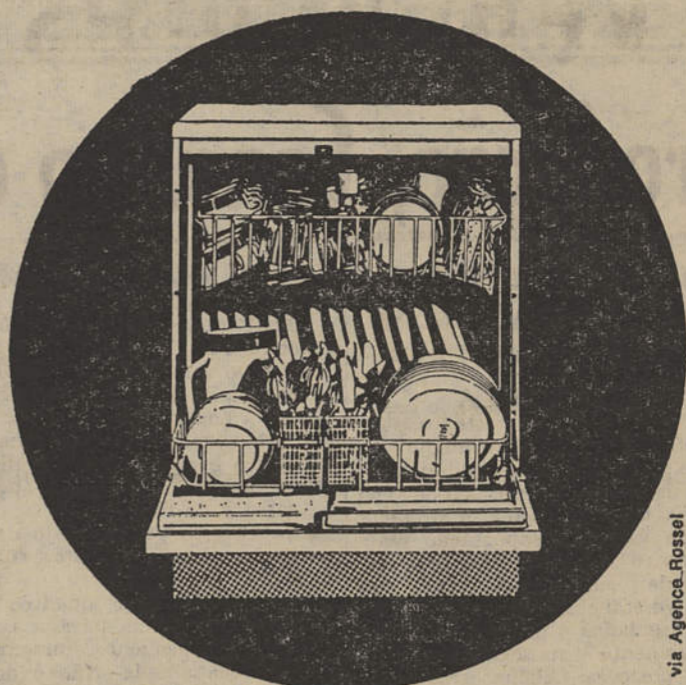
E continuando a caminhar, acrescentou:

«Tenho pena do cavalo, era um belo animal pelo qual rejetei dois mil escudos».

Sir Williams triunfava mais uma vez.

(Continua)

modernize o seu lar



Via Agence-Rosset

com uma máquina de lavar louça

Miele

Grande capacidade. Sistema de tripla dispersão. Máquina automática de lavar louça, duma perfeição sem igual. V.Exa. está livre para sempre da tarefa de lavar a louça!

Agente Oficial:

ERNESTO DUARTE

Rua Cândido dos Reis, 96

Telef. 288

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Vendedor

De camiões ligeiros e pesados, de marca bem conhecida e de fácil venda no Algarve.

Oferece-se boas condições de trabalho e possibilidades de atingir grande vencimento a quem já conheça ou queira dedicar-se a esta actividade.

Guarda-se sigilo se estiver empregado. Resposta ao n.º 15079, deste jornal.

Produção, Consumo e Exportação

ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DE SEMIMANUFACTURAS DE CORTIÇA

EVOLUIRAM favoravelmente as exportações de semimanufacturas de cortiça, no período de 1965 a 1970. De entre estas, a prancha é a de maior valor de exportação mais elevado (67,5% das nossas exportações de semimanufacturas, em 1970), distanciada dos granulados e regranulados e dos quadros, respectivamente em segunda e terceira posições. Aliás, estas posições relativas têm-se verificado desde sempre, não sendo apanágio dos tempos actuais.

O valor da exportação de prancha sofreu, de 1965 para 1966, uma quebra pronunciada (11,2%). Aliás, essa tendência para a diminuição vinha-se manifestando desde o quinquénio 1951-1955.

A diminuição das aparas, desde 1950, correspondeu às profundas alterações sofridas pela indústria de manufacturas de cortiça natural dos países não produtores de cortiça, uma vez descobertos numerosos sucedâneos para este produto.

A partir de 1968 e até 1970, verificou-se, porém, um aumento que permitiu atingir as 28 932 toneladas, no valor de 281 693 contos, valor este superior em 1,2% ao registado em 1965.

É de notar que o respectivo preço médio de exportação aumentou de 8883/kg em 1965 para 10860 em 1968. Em 1969 e 1970 os preços já foram porém inferiores aos daquele último ano (9873/kg em 1970).

A tendência da evolução das exportações de granulados e regranulados foi muito diversa. Aumentando continuamente desde há cerca de três decénios, em 1967 atingiu o seu máximo, com o montante

de 25 950 toneladas, no valor de 162 567 contos.

A partir de 1967 e até 1970, verificou-se uma quebra de 25,4% no respectivo valor de exportação, correspondendo, em parte, à transferência e encerramento de fábricas de aglomerado existentes no estrangeiro e em parte intimamente relacionado com a redução operada no fabrico de discos.

Em 1970, o preço médio de exportação deste produto foi de 5893/kg.

A exportação de quadros tem mostrado tendência para a estabilidade, com pequenos aumentos e diminuições anuais. Não é de esperar o acréscimo da sua exportação, dado que a tendência actual é para se proceder ao traçado mecânico da rolha a partir da prancha sem se passar pela fase intermediária do fabrico de quadros.

No referente aos países de destino da nossa exportação de prancha, é de começar por realçar três factos:

— É grande a dispersão de mercados, os quais, em 1970, foram em número de quarenta e quatro.

— Em 1970, quatro países detiveram 53% do valor da nossa exportação de prancha e 58% da respectiva quantidade exportada. Esses países foram: Itália (7 751 toneladas, no valor de 48 521 contos), Roménia (2 624 toneladas, 40 447 contos); Japão (4 031 toneladas, 32 038 contos); e França (2 381 toneladas, 28 484 contos).

— Três países da Cortina de Ferro — Roménia, Polónia e Checoslováquia — adquiriram a Portugal, em 1970, 5 111 toneladas, no valor de 77 862 contos, o que corresponde, respectivamente, a 18 e 28% da nossa exportação de prancha.

A evolução das exportações de prancha, durante o período em causa e para os nossos mais importantes mercados, foi muito variável.

A evolução mais favorável registou-se na exportação para Itália, a qual aumentou, de 1965 para

1970, de 4 872 toneladas, no valor de 32 910 contos.

As importações francesas de prancha portuguesa beneficiaram igualmente de um acréscimo interessante. Em 1970, foram em 596 toneladas e 11 399 contos superiores aos valores de 1965, o que correspondeu a acréscimos de, respectivamente, 33% e 67%.

No referente aos restantes sete países que em 1970 detinham os primeiros lugares como importadores de prancha portuguesa, a respectiva importação foi em 1970 inferior à registada em 1965.

A maior quebra nas importações, durante o período em causa, registou-se relativamente à Argentina (7.ª posição em 1970). Este mercado, em 1965, adquiriu-nos 7 223 toneladas, no valor de 37 769 contos, o que consistiu em 14% do valor da nossa exportação total de prancha. Até 1970, a evolução foi irregular, mas de tendência decrescente, atingindo, naquele ano, apenas 1 998 toneladas, no valor de 13 199 contos.

Outro importante mercado, cujas importações têm vindo a diminuir, é o mercado polaco. Sofrendo reduções contínuas (excepto de 1967 para 1968), em 1970 (1 530 toneladas, 19 678 contos) importou menos 656 toneladas do que em 1965.

Quer a Roménia, quer o Japão tiveram uma evolução das importações irregular.

As exportações de quadros, segundo os mercados de destino das mesmas, caracteriza-se pela sua concentração, como o provam os seguintes factos:

— Em 1970, exportámos para um número reduzido de países (apenas dez).

— Destes dez, três detiveram 97% da nossa exportação total. Os países em causa foram: Checoslováquia (186 toneladas, no valor de 7 483 contos); Itália (115 toneladas, 3 083 contos); e França (29 toneladas, 2 987 contos).

De entre os países consumidores a Itália foi aquele cuja importação mais aumentou no período em causa. A partir de 1965, cresceu de ano para ano, de forma que, em 1970, tinha aumentado, em relação àquele primeiro ano, de 81 toneladas, no valor de 2 342 contos.

As importações checoslovacas e francesas, pelo contrário, evoluíram de forma mais irregular.

A Checoslováquia, importantíssimo mercado em 1965, ano em que importou de Portugal 231 toneladas de quadros, no valor de 8 717 contos, a partir de então e embora mantendo uma posição de destaque, apresentou uma evolução irregular, que não permitiu tornar a chegar aos valores daquele ano.

Das importações francesas, apesar da sua irregularidade, pode dizer-se que, desde 1966 (ano em que atingiram 4 617 contos), a tendência geral, durante o período em causa, foi para a respectiva diminuição.

No referente a granulados, e regranulados é de começar por realçar que em 1969 e 1970 se verificou uma menor concentração da respectiva exportação, por mercados de destino.

Assim, em 1970, os sete principais países importadores do produto em causa detiveram 72% do valor da nossa exportação total, enquanto de 1965 a 1969, essa percentagem cresceu sempre entre 80% e 85%. Tal facto deveu-se, fundamentalmente, à redução que se tem vindo a verificar no consumo de determinados mercados que até agora têm detido posição de relevo.

Os sete principais mercados a que temos feito referência foram, por ordem decrescente de importância em 1970, os seguintes: Japão (importou 3 038 toneladas no valor de 20 897 contos); México (importou 2 812 toneladas no valor de 20 108 contos); Reino Unido (importou 2 641 toneladas no valor de 14 485 contos); e, em posição inferior, o Brasil e a Venezuela, os E. U. A. e a R. F. A.

De entre estes, os E. U. A. e o Reino Unido têm-se caracterizado, precisamente, por terem vindo a perder a posição de relevo até então detida como países importadores. Facto vincadamente marcado no referente aos E. U. A., país cuja importação de granulados e regranulados de origem portuguesa atingiu, em 1965, 6 935 toneladas, no valor de 39 849 contos, correspondendo a 26% da nossa exportação e que, em 1970, tinha a sua exportação diminuída de 80% em relação àqueles valores.

Esta quebra só se tornou muito acentuada a partir de 1968 correspondendo a redução no fabrico de aglomerados, sobretudo dos aglomerados negros.

Quanto à importação do Reino Unido, tem apresentado altos e baixos, mas a sua tendência é niti-



Mulheres e cães sofisticados numa passagem de modelos em que uns e outros competiram em originalidade.

O Jornal do Algarve vende-se em Faro, na Tabacaria Farracha, Rua D. Francisco Gomes, 42.

BRISAS do GUADIANA

O que haverá acerca da nova Estação dos Correios e Telecomunicações de Vila Real de Santo António?

A O fôlhearmos, há dias, a nova lista telefónica da Zona Sul, que tem o n.º 31, demo-nos conta de que, devido aos progressivos agrupamentos de redes a que os Correios e Telecomunicações vêm procedendo, e com os quais algumas terras deixam de ser directamente mencionadas, em benefício de outras onde tais agrupamentos se processam, Vila Real de Santo António figura agora em último lugar na referida lista.

Este facto nada traz de especial, a não ser a maior facilidade na consulta da lista, no que respeita à Vila Pombalina, mas serviu para lembrar-nos que os Correios e Telecomunicações dispõem, desde há anos, na mesma vila, precisamente num dos seus locais mais céntricos, de uma ampla área destinada à construção de instalações com as quais veremos substituída a actual e acanhada estação onde se concentram os serviços dos correios, telégrafos e telefones.

Talvez não devêssemos dizer «veremos», pois a pouca pressa notada relativamente à construção do novo imóvel, deixa-nos crer que a abertura deste, quando for, é possível que nos não encontre já incluídos no número dos vivos. E deste modo, será outro cronista a encarregar-se da notícia inaugural. Isto, aliás, não nos deixa pena, a não ser a de tardar tanto o aproveitamento da magnífica área prevista para a nova estação, enquanto que, na actual, as pessoas enchem a casa à espera de ser servidas, dando ao forasteiro uma ideia errada da orgânica dos nossos Correios.

Sabemos que há meses — longos meses! — os Correios apresentaram à Câmara vila-realense um projecto de estação que a todos se afigurou descabido. Quase tão descabido como a eventual ideia de levar para o Montinho a ponte sobre o Guadiana e deixar as moscas a vila onde desde sempre se tem processado a travessia da fronteira. Decerto impensadamente, pretendiam os Correios erguer no melhor local de Vila Real de Santo António uma estação de tipo alentejano e que não era, arquitectonicamente, do mais evoluído. O projecto foi rejeitado, como seria de esperar e pensamos, todos pensamos, que tenha sido aproveitado para alguma terra mais de acordo com as suas características e que a rejeição não esteja na origem de tanta demora em construir-se, finalmente, a nova estação.

Para já, e enquanto seguimos esperando, uma certeza existe que não é de todo desagradável: a compra dos terrenos, pelos Correios, eliminou pura e simplesmente um dos grandes anacronismos (a estalagem da Hortinha), que

existia em pleno centro da vila. Mas não estaremos, com tanta demora na construção do novo imóvel, em face de outro não menor anacronismo para a progressiva Vila Real de Santo António?

UM PARQUE DESPORTIVO INFANTIL ESTÁ A SER CONSTRUÍDO JUNTO À ESCOLA PRIMÁRIA MASCULINA DE VILA REAL DE STO. ANTÓNIO

Pessoa amiga chamou-nos a atenção para o facto de haver sido derrubada a velha arcaica que há decénios embelezava os jardins da Escola Primária Masculina de Vila Real de Santo António. Procurando apurar os motivos que haviam estado na origem do desaparecimento da bela e imponente árvore, regalou para os olhos de quantos, desde há quase cinquenta anos, a conheciam naquele recinto, foi-nos dito que a arcaica estava já condenada, pois havia secado, não sendo assim viável a sua transferência para outro local em face das obras que iriam transformar o sector norte dos jardins no primeiro parque desportivo infantil e campo de jogos construído em escolas primárias no País.

Estas obras, já em curso, são feitas a expensas do Município vila-realense e o parque, que não se destinará apenas à população escolar mas a todos os jovens que quiserem utilizá-lo, disporá de campo de vólei, minibasquete e minibadebol.

FESTAS DE CARNAVAL

A semelhança dos anos anteriores, encerrou as suas oficinas durante toda a semana do Carnaval a Empresa Litográfica do Sul, de Vila Real de Santo António, onde é preparado o Jornal do Algarve. Por tal motivo, o presente número do jornal teve de ser impresso com uma semana de antecedência e assim só no próximo nos será possível fazer um relato das festas carnavalescas vila-realenses de 1972. — S. P.

VOZ DOS CAMPOS

coordenação de António Gomes Firmino

Muitas vezes, os ventos frios de nordeste e de leste causam mais prejuízos nos laranjais do que propriamente as geadas. No entanto, é quase sempre a estas que se atribuem todas as queimadas que se verificam nas árvores.

Se o pomar se encontrar naturalmente protegido daqueles ventos pela existência de matas, de elevações do terreno ou por quaisquer outros abrigos naturais, será conveniente estabelecer sebes ou cortinas de abrigo, do lado nascente do pomar, que deverão ser constituídas por espécies de folha persistente e de elevado porte. Os cupressus são árvores particularmente indicadas para este fim.

A poluição dos cursos de água, pelos resíduos das explorações industriais, tem provocado o progressivo desaparecimento dos peixes das nossas águas interiores, tornando também, ineficaz a esforçada acção dos Serviços Florestais no repovoamento dos cursos de água.

Conforme foi afirmado no simpósio sobre poluição das águas interiores não há muito realizado em Lisboa, é crítico o estado da maioria dos nossos rios, nomeadamente do Tejo, Douro, Mondego, Vouga, Sado, Guadiana, Cávado, Nabão, Almonda, Leça, etc. A propósito deste último rio, foi dito no citado simpósio: «O rio Leça considera-se praticamente morto; se não houvesse poluição, produziria 5 000 quilos de peixe por ano».

Senhor industrial, ao lançar no rio os esgotos fabris sem tratamento, pense que está praticando um atentado contra a saúde pública e a economia da Nação.

...E TAMBÉM

Hotel CIBRA
ESTORIL

FOI PINTADO COM TINTAS EXCELSIOR

Distribuidor para todo o Algarve
'ESTANTARTE'
REPRESENTAÇÕES E COMÉRCIO, LDA.
Rua Abóim Associação, 54
Telf. 24997 FARO

IMPORTAÇÕES ALEMãs DE FRUTOS E LEGUMES FRESCOS

A República Federal da Alemanha, apesar de país membro da C. E. E. e de como tal ser obrigada a respeitar as prescrições da organização comum do mercado de frutos e legumes, está interessada em ter os mercados abertos a todos os países.

Pelo regulamento n.º 2 513/69 do Conselho da Comunidade Europeia de 9 de Dezembro de 1969, os Estados membros decidiram liberalizar as restrições quantitativas à importação de frutos e legumes de todos os países, exceptuando 7 produtos listados — alguns dos países, porém, esforçam-se por anular praticamente esta liberalização, pretendendo aquilo a que se pode chamar de protecção administrativa: aplicação de prescrições particulares respeitando a produtos alimentares, protecção de plantas ou outras regulamentações de carácter nacional.

A República Federal da Alemanha, não utiliza tais possibilidades para restringir as importações e o resultado está em que o seu volume de importações atingiu 4,5 milhões de toneladas, num valor superior a 3,3 milhares de marcos com inclinações na produção interna, para conservar o seu lugar no mercado.

IMPORTAÇÕES DE FRUTOS E LEGUMES FRESCOS

Ano	Toneladas	Milhões DM
1960	3 011 548	1 806,2
1965	4 074 204	3 022,0
1968	3 988 199	2 844,9
1969	4 198 488	3 325,9
1970	4 496 883	3 326,1

No quadro dum informação sobre a evolução das importações alemãs, não é possível descrever a situação de cada produto no mercado, bem como as respectivas possibilidades de escoamento.

MÁQUINAS PINHEIRO

A MAIOR FABRICA E ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE MÁQUINAS PARA TRABALHAR MADEIRA

Sede — TROFA

Filiais

Lisboa — Rua Filinte Elísio, 15 C
Portimão — Rua Inf. D. Henrique, 194

Emídio Sancho
Médico especialista

DOENÇAS DAS CRIANÇAS
Consultas diárias depois das 15 horas de preferência com hora marcada

Consultório:
R. Reitor Teixeira Guedes, 3-1.
Telefone 22 967

Residência:
Telefs. 2 29 58-4 22 23 — FARO

202

EM SOCORRO DE TODOS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO